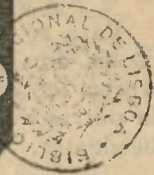


ALMA NOVA

REVISTA DE RESSURGIMENTO NACIONAL



III SÉRIE

LISBOA — SETEMBRO DE 1923

NÚMEROS 7—9



O POETA GUERRA JUNQUEIRO,

glorioso autor dos *Simões*, a *Pátria*, *A morte de D. João* e outras obras primas, justamente considerado um dos maiores Poetas da Península, na actualidade, cujo falecimento, em 7 de Julho, todo o país profundamente sentiu, consagrando o Governo a sua glória com funerais nacionais.

O seu cadáver ficou depositado no templo dos Jerónimos.

F. Valença

SCIENCIA & FILOSOFIA

Para se ter a consciência duma verdade é preciso ter a consciência de outras verdades antecedentes.

*
A Evolução Humana é o mais verdadeiro conhecimento, quo o Homem tem do si próprio!

*
Até hoje todos os escritores que teem refutado a teoria da descendência simiana do Homem, baseiam-se principalmente na seguinte falta de prova:

Se o Homem descende do Macaco, ¿porque não vimos, hoje, homens descenderem do macacos, mas antes vimos os homens descenderem dos homens? E ainda, ¿porque não se transformam hoje os macacos em homens?

*
Se há quem explique quo foram as condições climatéricas, do meio, etc., as causas do fenómeno da Transformação, não houve ainda quem, afoitamente, explicasse porque não podem os homens, hoje, descenderem senão de pais humanos...

Ora isso está, finalmente, numa Verdade em que ninguém ainda reflectiu!...

*
O conhecimento da Verdade será o equilibrio da grande loucura humana presente, loucura que daria na maior das carnificinas se fôsse por diante.

Se não fôsse o conhecimento da Verdade, os homens, em menos de vinte anos, ostariam em tal confusão, que lutariam sem saber porquê, ou antes, lutariam por um pedaço de carne ou uma tigela do sangue, para saciarom a fome...

A Verdade é, pois, o equilibrio, o bemdito equilibrio da Evolução Natural.

*
Nós somos a reencarnação do nós mesmos.

A própria Sciência ensina a reencarnação nos seus dois grandes axiomas:

«Nada se cria, tudo se transferma» e «A Natureza não dá saltos».

Logo, após a morte não poderemos transformar-nos em outras coisas diferentes do nós, porque entre nós e essas coisas diferentes de nós há uma grande distância.

*
A paixão por um novo regímen social, nasce, em certos individuos, por ser o programa desse novo regímen baseado na virtude e na justiça; mas se após uma revolução, esse regímen, em nome, se implantar, esses individuos continuam sempre seus partidários, ainda que a virtude e a justiça nada ganhem — e até muitas vezes tenham a perder — com o tal regímen...

*
Não quero uma Arte para o pequeno número — diz William Morris. Porém, no dia em que o grande número tenha a noção da Arte, o pequeno número — por fatal e lógica evolução de si mes-

mo — há-de ter da Arte uma noção mais profunda, e quando o grande número tenha essa mesma noção mais profunda, o pequeno número terá uma noção mais profunda ainda...

*
O Primeiro dos Artistas é aquele que faz uma obra, não encomendada por outro homem, mas sim uma obra *pensada e sentida* no seu Eu.

— Esse é o Artista-génio.

O Segundo dos Artistas é aquele que faz uma obra *pensada e encomendada* por outro homem.

— Esse é o Artista-talentoso.

O último dos Artistas é aquele que só *copia* o Natural ou a obra já criada.

— Esse é o artista-habilidoso.

*
Presentemente estão os homens divididos em religiosos, ateus e espiritas...

¿Qual é a Arte para cada um delos?

A que melhor lho fale ao íntimo.

Assim: para o religioso a Arte religiosa, para o ateu a Arte humanista, para o espirita a Arte psicológica.

A arte religiosa é a Arte do Passado, a Arte humanista é a Arte do Presente, a Arte psicológica é a Arte do Futuro.

*
A Arte é sempre, fatalmente, a expressão exteriorizada do que o Homem Pensa e Sente no seu tempo.

Hoje um Artista não poderá ser um antigo grego a fazer Arte, porque os gregos exteriorizavam em Arte o quo no seu tempo se sentia. Hoje não se vive à moda grega, nem se crê à moda grega...

Logo, a nossa Arte, não é Arte grega!

*
Os egípcios sentiram-se impelidos, pelas suas obras de Arte, a terem a noção da Morte.

Os gregos, pelas suas esculturas, compreenderam a vida.

Os religiosos, pelas suas obras de Arte, compreenderam e comprehendem Deus.

Os modernistas, pelas suas esculturas, compreenderam a Verdade.

Os futuristas, pelas suas obras de Arte, compreenderam o Além.

E o egípcio disse para si: — Eu morro...

O grego: — Eu vivo...

O religioso: — Eu creio...

O modernista: — Eu penso...

E o futurista: — Eu sinto...

Lisboa, 1923.

JOÃO JOSÉ GOMES.

Dê-se consciência à nação

O PROBLEMA MÁXIMO

Passou a época da torrente do ouro das conquistas, e só ficaram os hábitos de luxo da capital, e preguiça dos povos senhores, e indolência e miséria, mas o que tinha até agora o triste remédio no suor dos escravos, só pode achar remédio no trabalho dos senhores.

Mousinho da Silveira.

O liberalismo pouco mais tem sido, em Portugal, que um sistema de exploração a favor duma dúzia de políticos conluídos com outra dúzia de banqueiros... oligarquia de políticos, banqueiros e jornalistas que pôde enxertar-se, numa vegetação parasitária, à crôsta dum país escanzetado.

Silva Cordeiro.

Entre nós há um facto que convém estudar: a existência dum povo, por cuja educação os governos... quasi nada fizeram até hoje, e que todavia tem boas qualidades, que contrastam por vezes singularmente com as dos chamados dirigentes.

Adolfo Coelho.

As formas de govêrno são boas ou más consoante o valor dos homens que as põem ao seu serviço.

A. Croiset.



EM Portugal há um problema a resolver, problema máximo que lhe é muito próprio, que domina toda a sua vida e se faz sentir em todas as suas manifestações.

É o problema da existência duma organização político-social caracterizada pelo predomínio de vários grupos de indivíduos, que exclusivamente tratam dos seus interesses em detrimento dos interesses gerais. Esta organização é bem conhecida em história: é o chamado regímen oligárquico-parasitário.

Tem dado cabo de várias sociedades: a cartaginesa, a ateniense, a romana... Tuiuou conta de Portugal há cêrca de quatro séculos; desde então domina-o, a-pesar-de todas as revoluções, e se Portugal não fôsse tão robusto, não tivesse tantas e tão boas qualidades já teria desaparecido. Tem feito com que, há muitos e muitos anos, a vida seja mais cara e peor do que na maior parte dos outros países, com que o ouro brasileiro e os empréstimos do Estado (e tão numerosos e avultados teem sido!), em vez de largamente beneficiarem a nação, tenham desaparecido numa formidável voragem, mal deixando uns caminhos de ferro, umas pontes, umas estradas...

Vejamos como.

Pela exploração erigida em exemplo. A exploração rendosa, fortemente rendosa sem grande trabalho, sem grande risco, realizada por um reduzido número de indivíduos que através os tempos e sob designações diferentes, teem conseguido amontoar fortunas: a exploração do Estado, a exploração do povo, a exploração do preto, a exploração do emigrante... E assim, (em face do exemplo vindo de alto), o ideal da

maioria dos portugueses passa a ser também explorar: explorar o emprêgo público, explorar o patrão, explorar o caixeiro, explorar o freguez, explorar o rendeiro, explorar o inquilino, explorar o proprietário, explorar o aluno, explorar o professor... explorar, explorar, explorar. Triste hierarquia de exploradores!

Aqueles indivíduos, a que se pode dar o nome comum de capitalistas, teem tido nos países verdadeiramente civilizados uma função utilíssima. Pelos seus vastos empreendimentos, pelas suas rasgadas iniciativas teem contribuído para a abertura de canais, túneis, aproveitamento de quedas de água, de minas, arroteamento de terrenos, etc., etc., e, não contentes com isso, como que querendo dar ao país a que pertencem satisfação pelas fabulosas quantias assim obtidas, fundam hospitais, asilos, bibliotecas, universidades... Mais ainda, contribuem também, embora indirectamente, para que colabore em tamanha obra, sinta o poder criador e transformador do homem, uma enorme massa de gente (o proletariado) que, mercê da desproporção entre os lucros recíprocos, tem travado uma incessante luta em que se vai educando na conquista sucessiva de maiores regalias e de maior justiça.

¿E porque não sucede o mesmo em Portugal?

Porque Portugal perdeu há cêrca de quatro séculos, após os descobrimentos e conquistas ultramarinas, as condições normais da vida social. E os novos moldes e o novo espírito que a civilização foi elaborando não puderam ser assimilados devidamente pelo viciado organismo português. Nêle não existe, portanto, fortemente vívidos, a noção dos direitos e deveres inerentes a uma sociedade moderna normal, o sagrado

respeito pela personalidade humana. E por consequência domina o espírito explorador, antítese de tal atitude.

Vindos, aliás de longe, aquela noção e aquele respeito, definiram-se, precisaram-se, completaram-se sobretudo nos séculos em que Portugal, alheado do mundo europeu, parasitava...

Conseqüentemente não existem em Portugal *élites* directivas (os que as deviam, por natureza, constituir, encontram-se, na generalidade, ao serviço das oligarquias), não existe uma opinião pública consciente, uma atmosfera moral que a todos imponha uma atitude caracteristicamente humana, que eleve os portugueses na pura e plena espiritualização duma superior obra a realizar. Não existem as reacções morais conscientes, enérgicas, persistentes, debeladoras das crises que, por vezes, impelem as sociedades para a corrupção, para o abandalhamento, para a desvergonha. Não existe, em suma, uma vida verdadeiramente nacional, como nos Estados-Unidos, na Inglaterra, na França, na Alemanha, na Itália, na Bélgica, na Holanda... que num mesmo sentido colectivo superior, faça convergir todas as actividades da nação, submetta, domine os prevaricadores.

¿Qual o remédio?

Dar consciência à nação. Afastá-la da triste crença em elixires salvadores, que pretendentes ao poder lhe inculcam sob fórmulas mais ou

menos sedutoras, e levá-la a intervir enérgica e inteligentemente na vida política, a impor-se aos governantes de forma que o Estado deixe de ser um instrumento de interesses particulares, mas o genuíno representante do interesse colectivo, impor-se não por meio de bombas, canhões ou baionetas, mas por meio do jornal, do livro, do folheto, da conferência, do comício (armas quasi só manobradas até hoje, em Portugal, pelos oligarcas e seus serventuários), impor-se em suma, por meio dum movimento nacional dos espíritos, forte, consciente, profundo, superior a todos os partidos, seitas, bancos ou companhias, que parta do que há de melhor na sociedade portuguesa, dos que são explorados e não exploram, dos que honestamente vivem do seu trabalho, dos que sentem o que há de espiritual na vida. Só um movimento com êste carácter pode fazer desaparecer a organização oligárquico-parasitária que esmaga Portugal e transformá-lo numa sã, próspera, verdadeira democracia.

Nefelibatismo? Utopia?

E' assim que nos países civilizados teem sido resolvidos os mais graves problemas. Tudo o mais?

Meras panaceias charlatanescas. Os princípios, as doutrinas não passam de letra morta quando os homens que os representam não são verdadeiramente **Homens**.

A. REIS MACHADO.

“Amigos da Alma Nova”

FOI carinhosamente acolhida entre os nossos assinantes a ideia da criação d'êste grupo, que se propõe não só contribuir para a expansão da *Alma Nova*, angariando-lhe novas assinaturas, anúncios, colaboradores ou quaisquer subsídios, mas ainda divulgar por todas as formas as doutrinas patrióticas do seu programa.

A todas as pessoas que desejem prestar-nos o seu aplauso e concurso, a revista agradece a remessa do respectivo nome e morada.

Como foi prometido, iniciamos hoje a publicação da lista dos “Amigos” já inscritos:

Mateus Moreno, Escritor — Lisboa.

J. Suavedra Machado, Artista — Lisboa.

Cruz Magalhães, Poeta e fundador do Museu Rafael Bordalo Pinheiro — Lisboa.

J. Agostinho Fernandes — Lisboa.

D. Sara Benoliel — Lisboa.

D. Maria Amélia Köpke — Lisboa.

Dr. Francisco do Carmo e Cunha, Chefe de Repartição do Ministério do Comércio.

J. Rebelo de Bettencourt — Lisboa.

Dr. Malaquias Pereira da Silva, Professor — Lisboa.

Francisco Valença, Artista — Lisboa.

Dr. J. Gonçalo Santa Rita, Professor — Lisboa.

Dr. J. Guerreiro Murta, Professor — Lisboa.

Dr. Pedro M. Júdice, Escritor e Engenheiro-Agrônomo — Silves.

J. Samora Barros, Artista e Professor — Silves.

Martinho da Fonseca, Artista e Professor — Lisboa.

Eduardo Romero, Artista e Professor — Lisboa.

Arnaldo Pimentel — Ministério das Colónias.

J. Rodrigues Migueis, Escritor e Artista — Lisboa.

J. Rodrigues Cosme, Oficial de Marinha — Lisboa.

Papelaria América — Lisboa.

Dr. Cláudio Basto, Médico e Escritor — Viana-do-Castelo.

Dr. Arlindo Camilo Monteiro, Médico e Escritor — Lisboa.

Alberto Mera — Lisboa.

Oldemiro César, Jornalista — Lisboa.

Dr. Francisco Godinho Cabral, Oficial do Exército — Lisboa.

José Brandão, Oficial do Exército e Escritor — Figueira-da-Foz.

Nuno Cruz, Oficial do Exército — Coimbra.

Dr. F. d'Ascensão Mendonça, Professor — Coimbra.

D. Julieta Ferrão, Escritora — Lisboa.

Luís Chaves, Escritor e Professor — Lisboa.

CRÓNICA POLÍTICA E SOCIAL

SECÇÃO DIRIGIDA PELO PROF.

DR. J. GONÇALO SANTA RITA

MAS ansiedades da hora transcorrente não é possível consagrarem-se as sociedades, os indivíduos — ou as revistas... — unicamente ao sonho e esquecerem as lutas que em volta revolvem o chão, e os sofrimentos e problemas que à volta se agitam: «a Ideia incarna em peitos que palpita»...

Se, criando ou propagando páginas de beleza, a *Alma Nova* procura ser um padrão de altas e belas aspirações, surgente em meio do atoleiro de interesses e ferocidades que hoje dominam a nossa sociedade, como todo o mundo, ela não pode nem deve, todavia, esquecer que em meio de uma sociedade vivemos e não é tícito — ainda que fosse possível — eriamos-nos alguma silva isotérica para raros apenas. Criemos, contemplemos e apresentemos a poesia e a arte como florações de sonho que desabrocha sobre o pântano e em que nossos olhos se enlevam, mas baixemos ao menos por vezes o olhar ao paúl, para ver se será possível drená-lo, salubrizá-lo de forma que nos não aflija o olfacto, para ver se conseguimos que mais alguns olhos se desviem da lama do marnel e mais algumas mãos desferrem os limos e se ergum para os astros em êxtase de beleza. «Façamos fantasia... Mas sóbria e parcamente... misturando-lhe sempre uma moralidade discreta» — como dizia o moralista de *O Mandarim*.

Assim a *Alma Nova* resolveu consagrar algumas das suas páginas aos problemas graves, procurando, no entanto, tratá-los de leve... Na crónica política e social procuraremos tratar alguns dos problemas que são de maior interesse para a nossa sociedade e — sosseguem os leitores e leitoras e confiem na nossa palavra — ao mesmo tempo que não há assuntos de maior oportunidade não há assuntos mais atraentes do que estes, nada que mais cativa do que debruçar-se sobre uma sociedade, sondar-lhe as chagas, as aspirações, os tormentos, ouvir rugindo, do seio da massa desta «obra má de má argila», que é o homem, o «eterno mal que ruge e desvaria», e depois... voltar a página e ler um belo soneto ou contemplar uma linda gravura...

A política nada mais é do que a arte de resolver os problemas sociais. Dêstes nenhum mais urgente (nem mais desprezado) do que acudir à vitalidade de uma raça que se exgota pela perda dos mais fortes elementos numa emigração desaustinada e funesta, sobre a qual tem caído em poucos anos os três flagelos clássicos: a fome, a peste e a guerra, matando os mais fracos e craurindo os mais fortes. Rebentos dessorados de uma geração exangue, é preciso cuidar sobre tudo dos pequenos, isto é, dos mais pobres e dos mais novos. Propomo-nos chamar à barra as vozes mais autorizadas para que nos espíritos se radique a ideia de que é necessário cuidar da raça, a que com R os pataratas fazem odes, mas que ainda não mereceu os cuidados dos políticos nem as atenções do público e é apenas uma palavra que serve de pretexto para artigos e discursos, sobre uma coisa que, no sentido que lhe dão, nem sequer existe... A frente de todos os problemas da raça está o problema da assistência à infância. Trata-o hoje em um dos seus aspectos, o da assistência aos anormais, o dr. Vítor Fontes. Abre a série não «par droit d'ainesse», mas «par droit de jeunesse». Porque é um novo, é justo que seja ele que comece a depor sobre um problema que tem, por força, de ser a maior preocupação dos novos. Discípulo e colaborador do saudoso dr. Costa Ferreira, seu sucessor no Instituto Médico Pedagógico, Vítor Fontes tem dedicado alguns anos da sua existência ainda moça ao problema em que a *Alma Nova* lhe pediu para iniciar os nossos leitores e a que tem consagrado a sua inteligência e o seu entusiasmo. Tem por isso especial competência: vale a pena ouvi-lo. Ao seu artigo outros se seguirão em que deponham algumas das poucas pessoas que entre nós se tem dedicado a estes problemas, que tem de ser tratados e resolvidos cientificamente, sem exhibicionismo nem charlatanismo... — S. R.

CRIANÇAS ANORMAIS

ATÉ que enfim se ouve falar entre nós em «assistência a anormais!»

Na Sociedade das Ciências Médicas, numa sessão realizada ultimamente, ventilou-se este momentoso assunto que mereceu uma especial atenção daquela colectividade, chegando mesmo a nomear-se uma comissão para estudar mais desenvolvida e praticamente a questão; na Sociedade de Estudos Pedagógicos está anunciada uma sessão para tratar especialmente do caso sob o ponto de vista pedagógico; o Ex.^{mo} Sr. Ministro da Instrução diz que na sua tão desejada organização dos serviços apensos ao seu Ministério, trata duma maneira definitiva de assistência aos anor-

mais; no Ministério do Trabalho organizam-se comissões... enfim, fala-se nisso!

Eu não sei até que ponto vão a sinceridade e inteligência destas tentativas e, a admiti-las, costuma dizer-se que de boas intenções está o inferno cheio; mas sejamos optimistas e lembremo-nos do que diz Payot: «uma ideia que nasce é já um acto que começa».

Aqui nos congratulamos, pois, com todas essas iniciativas e ficamos fazendo fervorosos votos para que sejam coroadas do mais completo êxito!

Achamos, porém, que conjuntamente com o estudo científico deste ramo de assistência, que bem merece ser encarado sob variados

aspectos, — o aspecto pedagógico, o médico-social e o jurídico, — achamos que bom é iniciar uma propaganda honesta, divulgando este assunto.

Na verdade, entre nós, esta noção de «crianças anormais» ou não é conhecida ou é mal compreendida.

Em via de regra é considerada «criança anormal» ou o anormal físico, isto é, o aleijão, ou o grande anormal psíquico, o idiota, o imbecil.

O pequeno anormal, o instável, o atardado, o psicasténico, não é considerado como tal e é em geral tido pelos pais por «irrequieto», «ladino», «desatento» e outras vezes por «muito sossegado», «muito bonzinho», «capaz de estar um dia inteiro sentado numa cadeira», etc.

Esta incompreensão da parte dos pais é motivada pela ignorância que eles têm dos defeitos dos filhos, ou então, o que é mais vulgar, pela vergonha de confessar o filho inferior às outras crianças.

O professor das escolas regulares, por seu lado, tendo a seu cargo muitas dezenas de crianças, não pode de modo algum conhecer um a um os seus alunos, nem lhes pode dar a educação individual de que os anormais necessitam.

De tudo isto resulta que os pais ignorantes da anormalidade dos filhos, ou encobridores dela, mandam-nos às escolas de mistura com as crianças normais.

Chegados à escola, o professor desintere-se do seu aproveitamento, visto que a maioria da classe aproveita melhor e mais rapidamente, ficando aqueles para trás e tanto mais quanto mais o ensino avança.

Isto na hipótese do anormal ser um hiposténico, um lento, um dos tais que no dizer dos pais «é muito sossegado». Mas se o anormal é um instável, um desinquieto, um rebelde, então o caso complica-se e não só nada aproveita com o ensino em comum, mas é também um fermento terrível de indisciplina, de rebeldia, que muito pode prejudicar o bom funcionamento da classe.

Estes chamados «canceros da classe» são frequentemente o martírio dum professor, que muitas vezes, cheio de razão lógica mas sem razão científica, enche estes alunos de castigos mais ou menos violentos que só servem para lhes agravar o estado de hiperexcitabilidade.

E', pois, necessário que os pais estudem

bem o carácter dos seus filhos, observando-lhes os actos, não desculpando cegamente todo o mal que fazem pelo simples motivo de «serem ainda muito crianças» e, quando a frequência de certas acções estranhas, incompatíveis com a idade, fôr excessiva, deverão procurar indivíduo competente, de preferência o médico, e confessar essa dúvida sem receio de que seu filho tome aos olhos daquele médico, cujo conselho pode ser providencial, o aspecto que o professor e os discípulos muitas vezes exageram e ridicularizam.

Essa vergonha, esse acanhiamento, é tanto mais criminoso quanto às vezes uma pequena operação, um tratamento médico, o simples uso duns óculos, ou a colocação num meio pedagógico conveniente, pode normalizar estes indivíduos e fazê-los chegar onde chegam as crianças normais e ocupar até situações muito distintas em vários ramos da actividade humana.

E', pois, indispensável que todos nos penetremos da gravidade deste problema.

E' indispensável que pais, educadores, médicos e legisladores se convençam que há em Portugal milhares, muitos milhares de crianças que levam, em tempo, três e quatro vezes, e mais, a frequência dos trabalhos escolares normais, passando-lhes os outros à frente, e eles, os pobres, os menos culpados, sem ninguém que os estimule, tendo apenas quem os censure e castigue, lá irão de roldão, aos trambolhões, à custa de empenhos, pelos cursos fora, para não os completarem, ou se conseguem terminá-los, já na idade madura, dêles não saberem aproveitar na vida prática.

Concluindo, repetiremos:

E' necessário que se saiba que há pequenas anormalidades de inteligência cuja existência é prejudicial não só para o indivíduo, como para o meio onde vive, e cujo tratamento médico-pedagógico oportuno leva muitas vezes a uma cura definitiva, outras melhora consideravelmente, sendo para isso indispensável:

1.º — que os pais percebam e confessem essas anormalidades;

2.º — que esses indivíduos recolham a clínicas pedagógicas, que urge desenvolver entre nós.

Lisboa, 2 de Julho de 1923.

VÍTOR FONTES

Médico do Instituto Médico-pedagógico da Casa Pia de Lisboa.

Questões de Pedagogia Especial

: A LEITURA LABIAL : E AS PESSOAS SURDAS



QUANDO haja a infelicidade de se perder total ou parcialmente o sentido do ouvido, de forma a não ser possível a comunicação pela palavra com voz natural, e quando o médico otologista não disponha dos meios indispensáveis à cura tão desejada, um recurso resta ao enfermo, que é o de se adaptar à aprendizagem metódica e vantajosa da leitura labial, sistema prático e simples, por meio do qual o surdo poderá reaver — pela vista — o que já lhe não é possível compreender pela audição.

Este processo de reatar as relações sociais do surdo pela destrição dos movimentos labiais da palavra com todas as suas características expressões fisionómicas, é ainda bem pouco conhecido entre nós, o que motiva, no geral, uma certa desconfiança, para não dizermos relutância, por parte do aluno, o qual pelo decorrer das lições se torna — a prática no-lo tem demonstrado — no mais acérrimo defensor e propagandista do processo que o vai preparando para desmornar, pouco a pouco, o espesso dique que a doença havia colocado entre êle e o mundo falante, provocando um permanente desgosto, que a labiologia mais ou menos suaviza, conforme a cultura do surdo.

Logo que êste reconhece o seu estado, procura afastar-se de todo o seu convívio de sempre, torna-se taciturno, tudo o aborrece, quasi tudo o irrita, numa palavra, isola-se o mais possível; mas, não sabe êle que quanto mais fugir da sua vida habitual, tanto mais se prejudica, porque, abstendo-se de falar, inevitavelmente comprometerá a memória verbal, alterando, por certo, o timbre da voz, podendo mesmo chegar a executar os movimentos correspondentes a tal ou tal palavra e não emitir som, sem que dêste triste facto se aperceba. Êste último caso, raríssimo nos adultos, é frequente nos surdos de tenra idade, sobretudo

se não possuíam antes da enfermidade a linguagem falada corrente e fácil.

Sempre que um indivíduo ensurdece, logo todos os que o rodeiam, sentindo naturalmente o desejo de lhe facilitarem a compreensão, deixam de falar normalmente para gritarem muito, a fim de que o surdo ouça; êste último, porque ouve quem lhe fala alto e directamente ao ouvido, pretende também ouvir-se a si próprio e daí uma elevação desmedida da voz, tornando-a desagradável e sobretudo desarmoniosa.

E, quando o surdo evita a conversação oral e procura na escrita o meio de não interromper, por completo, a sua vida, vai lentamente diminuindo o timbre da voz, modificando-a, cada vez para mais baixa, chegando a ficar um tanto apagada, como que segredada, sumida.

O mais das vezes, porém, sucede encontrarem-se, na conversação falada do surdo, essas duas *nuanças* da voz, conforme a qualidade e situação dos elementos fonéticos componentes de cada palavra, mas, com o decorrer do tempo, e se a leitura labial vier em seu auxílio, o surdo adapta-se a uma forma especial de falar, toda sua, a qual é bem sensivelmente notada pelas pessoas de mais intimidade.

E todas estas comprovadas alterações se produzem em virtude da falta do regulador da emissão da palavra falada, porque nós, os ouvintes, executamos, quasi materialmente, todos os seus movimentos fisiológicos, confiadamente, é claro, na segurança da memória auditiva, e dispensando, quasi em absoluto, as indicações do tacto interior, por meio do qual os órgãos da palavra se colocam, instantaneamente, na posição devida, para que a emissão seja correcta: é o que se chama «*a memória muscular*», de que o surdo, educando-a, se há-de valer no futuro, para os momentos de hesitação que, de-certo, se hão-de dar no hábi-

to da fala, adquirido pelo treino no tempo em que ouvia.

Temos, pois, que para readquirir o meio de se proporcionar, a si próprio, a convivência indispensável às necessidades da vida, o surdo deverá recorrer, com confiança, à leitura labial, impondo-se a si próprio a obrigação da paciência no exercício e da tenacidade na prática.

Ocioso será acrescentar que os resultados nem sempre são igualmente seguros e rápidos; há casos em que uma grande insuficiência do sentido da vista prejudica muitíssimo o ensino, não se devendo, por este facto, culpar o método empregado.

Havendo, porém, visão normal, com ou sem auxílio de luneta, os resultados dependerão sempre da boa disposição do surdo, da sua confiança no método e da sua inteligência e cultura geral.

Quanto maior fôr a bagagem de conhecimentos do surdo que aprende a labiologia, tanto mais seguros serão os resultados, por em grande parte ter de se recorrer à intuição.

Em todos os nossos alunos temos verificado o ardente desejo de caminhar muito depressa; se é um facto demonstrado, pela experiência, que não se deve prolongar, demorando-o excessivamente, o ensino simples dos fonemas e da silabação abstracta, para não tornar monótona e aborrecida a lição, também é certo que, em leitura labial, devemos ter sempre bem presente que *andar devagar é andar depressa*. Isto é, não devemos preocupar-nos demasiadamente com as posições isoladas, de cada fonema, para mais desenvolvermos o ensino tão especial e variado, da sua junção com outros, consoante a sua colocação na palavra, facto este a que teremos de dispensar o maior cuidado e a mais cautelosa observação.

Logo que o surdo se ache de posse dos sinais labiais e fisionómicos correspondentês a alguns fonemas, sobretudo nas suas múltiplas

variedades de combinações, intimamente ligadas à palavra falada, deve-se logo aproveitar o ensejo para aumentar o seu interesse pela leitura labial e ainda, para mais praticamente se lhe demonstrar a sua grandíssima utilidade, levá-lo à compreensão fácil de bom número de frases, das mais usualmente empregadas, e nas quais entre, como auxílio seguro, alguma das palavras formadas com os fonemas ensinados.

E só quando tivermos verificado bem que o surdo se apoderou de todos os exercícios expressamente preparados — quer em sílabas, palavras ou frases — para ser notada tal ou tal modificação em qualquer fonema, pela influência da proximidade de outro ou outros, só então é que, sem receio, poderemos passar a nova lição, certos de que deixaremos bases seguras nas anteriormente praticadas.

O surdo que pretender adaptar-se bem à leitura labial, quando dela já tenha um certo conhecimento, deve aproveitar todas as oportunidades para, fora da influência do professor, tentar compreender a palavra falada na bôca dos outros, por ser este o melhor exercício de treino, se atendermos a que nunca os mesmos elementos fonéticos se apresentam labialmente ao surdo de igual modo em todas as pessoas; isto é, — servindo-nos duma frase dita por um sábio professor da Universidade de Coimbra a uma das nossas alunas: — porque o surdo aprendendo a leitura labial «*aprende uma lingua em que cada pessoa é um dialecto*», e daí uma enorme dificuldade que, na prática, terá de vencer.

A leitura labial não poderá ser uma substituição perfeita da audição, mas será o único paliativo sério e de mais fácil e cómodo emprego para o surdo, quando não tenha a possibilidade de melhorar com a aplicação da mais moderna sciência médico-otológica.

CRUZ FILIPE

Professor de ortofonia.
Professor-inspector do Instituto de Surdos-
mudos «Jacob Rodrigues Pereira»
da Casa-Pia de Lisboa.

: : : NO PRÓXIMO NÚMERO : : :

ENTRE OUTROS, OS SEGUINTEs ARTIGOS:

A Reforma do Ensino — por J. Gonçalo Santa Rita.

O pintor Manuel Jardim — por Saavedra Machado.

Índia Misteriosa — por um redactor de *Les Annales*.



ESTUDO : : : :
MILY POSSOZ



JOÃO ROSADO

POR : : : : :
CARLOS PORFÍRIO

NUMA TERRA EM QUE OS VERSEJADORES NASCEM COM
A ESPONTANEIDADE DOS TORTULHOS, JOÃO ROSADO, UM
DOS MAIS SIMPÁTICOS MOÇOS DA NOVA GERAÇÃO ALGAR-
VIA, PODE CONSIDERAR-SE, SEM DESAIRE — UM POETA. O
SEU PRIMEIRO LIVRO — «ALCYON» — É UM FORMOSO AMA-
NHECER DE PROMESSAS. OS ANOS, ESTAMOS CERTO, O
: : : : IMPORÃO BASTANTE AO APRÊÇO DE TODOS : : : :

A MULHER PORTUGUESA



III

A MULHER DO ALENTEJO

POR LUÍS CHAVES

(Ilustr. de Bernardo Marques)

Que Alentejo era enxuto
D'água e mui sóco de prado.

BERNARDIM RIBEIRO,
Folgoa de Jano e Franco.



Alentejo é grande! Portugal o
seu senhor!

É a planície exaustiva, de cansar a alma, quando os olhos já cansaram das distâncias e arderam no sol. Fartura, riqueza; insensidade, monotonia. O Alentejo forma, no concerto da Natureza, a harmonia que se perde ao longe em fuga coral dos cânticos da montanha, a melodia erguida cá da terra para Deus.

Se a montanha é o altar dos homens e está mais perto do Céu, a planície está ao rés da terra. Montanha exprime altivez, porte guerreiro, beligerância, orgulho; contrapõe-lhe a planície a humildade, a paz, a submissão. O montanhês rapina, o agricultor da baixa é a vítima, e, quando aquele conquista em ar de guerra, o lavrador dá a planície ao caminho do conquistador. Por isso as pátrias nascem dos cimos para a chan, e a ordem natural vem de cima para baixo, mesmo quando o direito divino desce à terra, impondo-se ao direito



O Alentejo não tem sua bra
Senão a que lhe vem do céu.

Cantares alentejanos.

humano. Viriato, encabritado nas Serras, baixa ao Alentejo, onde passam todas as invações da história e da étnica portuguesa.

Do espírito da planície, imensa e dura, enxuta e quente, dimana o carácter do habitante, rico e humilde ante o grande e o forte, nostálgico e esmagado perante a Natureza de aspecto incomensurável. De ser passagem de toda a invação, e esta o veiculo do elemento estranho, o habitante da planície é mescla de todos, os de dentro e os de fora.

Por tudo isto e pela facilidade máxima das comunicações, procedente de todas as razões económicas da planície, além da situação especial do Alentejo na balança portuguesa e ao número democrático da política parlamentarista, a Alentejana é a mais incaraacterística das provincianas de Portugal. Como não tem um tipo definido e unitário na etnologia nacional, também lhe falta o carácter local; a procu-

rar-se-lhe um tipo, ela é, quando muito, classificada pela falta d'ele.



Já o homem conserva cunho apropriado, com sua jaqueta ou niza de alamares e cosidos, a calça comprida e apertada à perna, a cair no sapato de salto raso, na cabeça o chapéu enorme, faixa azul ou rubra, por vezes negra, à cinta. Ou então é o *pelico* e os *salões* de pele de ovelha, polainas grossas, em trajo de inverno. O capote alentejano, deromeiras e sem mangas, é próprio de cavalaria na planície. A mulher não; corpele claro, saias pouco rodadas, à procura da moda, sapatos finos, em dias festivos ou de descanso; carece de gosto e estilo próprios. Apenas pelas horas de trabalho se nota com as

saías armadas em calções, presas aos canelos, e com o chapeirão de homem sobre o lenço na cabeça; o mais é banal.

Este chapéu alentejano é grande, o *aguadeiro*, necessário no sol sem sombra, e na chuva sem abrigo.

Alentejo não tem sombra,
Senão a que lhe vem do Céu:
Chegue-se pr'aqui, menina,
Pr'a sombra do meu chapéu.

No deserto, ao calor, à chuva, na *marèsia* e pelas névoas, a Alentejana é resistente e isso a compara à mulher do Norte. Os trabalhos não são porém tão árduos para ela, nem suportam como as da montanha o peso de um trabalho por vezes exclusivo, à falta do homem, que emigra. No Alentejo a emigração é mínima, o trabalho não escasseia, é muita a terra e pouca, em relação, a gente.

Algumas cantigas mais vivas animam-se dos horizontes e da paisagem plana e interminável.

— Oh que bela vista de olhos
Para quem vem de jornada! —

— Lá no largo da estação,
À sombra dos eucalítes... —

Molenga pelo clima, pela moleza da planície, pelos costumes culturais, pela alimentação carnívora e de pão, que pela abundância "faz a gente estúpida", a mulher do Alentejo é indolente, materialista, sensual. Ao espiritualismo da mulher do Alto opõe o

paganismo de mulher "bem comida e bem bebida", que a mulher da planície tem menor ascendência para Deus, chega-se mais à terra e menos ao céu, apega-se mais aos deuses da terra e às fórmulas pagãs da superstição antiga.

Nas *trigueiras* ou searas de trigo e nas *cevadeiras* ou de cevada, e que é ver a *seareira* na ceifa (*acéla*), de fouce em punho, saias em calção, e o chapéu a sombrear-lhe a cara morena, onde o lenço é a única vibração de cor.

E' a ninfa da seara, ao sol de loucuras, curvada sobre as paveias de espigas. Que o trabalho não é tão duro, como parece!

Não é a *acéla* que custa,
Né os calores do verão,
E' o pico da erva-gale,
Juntamente c'o beija-mão.

No campo, ao sol, durante a tarefa, como nas horas de descanso pela calma, vai um cantar contínuo, em que todas as ceifeiras se juntam e todos os homens *enregam*. Ergue-se do chão, em melodias largas, indolentes e morosas, um coral admirável, que, a três vozes bem aparelhadas, parece o cântico litúrgico da planície extática. E, no entanto,

'Stá calma que abrasa o mundo,
A sombra me estou queimando!

Vem o pó das eiras, que no dizer da cantiga faz a mulher *trigueira*, e ela arrasta como um gigante molhos de palha para a grande *almeara*, enquanto o homem, pachorrentamente, chalaceando ou nem dando por ela, continua a faina. Éle preguiça o não-te-ales; ela, mais pronta, apressa-se por acabar a tarefa do dia e ir-se a casa tratar da família e da criação.

O apanhamento da azeitona, ao contrário, anima a névoa ou o frio gelado e cortante dos olivais de Dezembro e Janeiro. Os cantos, mais vivos na agitação dos músculos a aquêcerem, são mais castos; não é a carne das searas que se arde ao sol; é um movimento externo, que se reflecte na imaginação mais calma. Então



serve de tema predilecto a oliveira, a azeitona, e sobretudo a ciranda.

O ciranda, ó cirandinho,
Vemos nós a cirandar;
Lá no campo da azeitona
Anda a ciranda no ar.

Anda a ciranda no ar,
Anda a ciranda no chão;
O ciranda, ó cirandinha,
Amor do meu coração.

Das ceifas e da apanha da azeitona vem as economias do ano para o mealheiro e o pé-de-meia.

Sucedem-se as feiras, as romarias, sempre desejadas, e para as quais se fazem votos, lembrando-se dos santos e do «deixar fazer a Deus, que é Santo velho».

Senhora da Boa-Nova,
Quero-lhe pedir com tempo
Que, no dia da sua festa,
Nem chova nem faça vento.

Nos terreiros arruam-se barracas. Abundam as de ourives, pábulo às bolsas de gente farta e ávida de o mostrar. E com estas abundam as de comestíveis, características de pobres culinárias de *ensopados*. Depois são os estendais de louças da provincia: barranhões, planganas, tegelas de logo, bicados, cangirões, cântaros, os pratos de *puxar* e de *sopa*, etc. Os montes de melancias, as cabasadas e dependuras de pimentões rubros... As raparigas pedem as *feiras*, e os moços compram bugigangas nos taboleiros de quinquilharias a mulheres anafadas e curtidias; e elas vestem à moda janota das meninas da vila, sapatinho fino, lenço caído à nuca.

O luxo da Alentejana é a casa. Nela põe todo o encanto. Anda ela constantemente de broxa em punho, arvorada em Longuinhos a pé e de saia, dá-lhe-que-dá-lhe a cair as paredes por fora e por dentro: é isto ao menos uma vez por semana. A casa é um brinquinho. Ornamenta a sala de entrada com faixas de cor azul; garante-a de todas as louças em exposição permanente: e esta sala, o salão nobre da casa, é a cozinha, virada à rua ou ao quinteiro, com a chaminé enorme e esbelta, como torre de menagem hospitaleira.

Na casa do Alentejo
É tudo tão assado,
As casas e os corações
Sempre tudo anda lavado.

O enlévo com que a mulher mostra as prendas, essas jóias de madeira e cortiça, feitas à ponta de ferro ou navalha pelos pastores no montado! — «Quem não tem que fazer, faz colheres». E eles no deserto da charneca, à beira do gado, pensando na sua môça, lá fazem *leigos* e *salleiros* de cortiça, ganchos de meia ou *fecedores*, colheres, lórmãs ou *marcas* de bolos, de madeira, rocas de sabugueiro; oferecem os presentes às suas «mais que tudo», e as casas enfeitam-se com as prendas, assim como todas as môças

relembra as décimas amorosas que elles lhes fizeram algum dia.

Que admiração, se elas e elles são essencialmente os mesmos Janos e as mesmas Joanas, em menos redondilha, é certo, mas na mesma poesia de amores rústicos, tão cedo e tão mal caídos na prosa bárbara de todos os dias em geral e cada um em particular, que Bernardim omiliu!

Dizem que havia um pastor
Antre Tejo e Guadiana,
Que era perdido de amor
Por uma môça Joana.

.....
É o pastor de Alentejo
Era e Jano se chamava.

Desliza a *corrediça* branca da janela, e aí está a planície desse Alentejo grande. Serras na bruma dos longes.

LUIS CHAVES.



A Mulher Portuguesa. — Ver n.º 3 e 4 q. 6.



Môças de Portugal

¿E as belas môças de Ovar
E Avintes? ¿Em que país
Hã fadas, para encantar,
Como essas rudes huris?!

Misto de sonho e luar,
Seus olhos são a raiz
Duma alma singular,
Que só amando é feliz...

No amanhecer dos seus colos
Destiniam gelos dos polos,
Como um nevar de desejos;

E os seus cabelos doirados
Nasceram p'ra ser singrados
Por mil galeras de beijos...

Môças do meu Portugal
— Água da fonte mais pura,
Fez-vos assim a Natura
Para vos dizer — sem igual!

Eu já corri val' em val'
E serra em serra, em procura
Da primeira criatura
Com quem Deus andasse mal...

¿E quantas tive?... Nem sei...
Porém, nem uma encontrei,
Que assás mereça as razões

Com que, singela, a minh'alma,
Na sua pureza calma,
Renega as de outras nações.

Cheias de graça e de luz,
E meigas, como a paisagem,
Elas são bem a imagem
Da doce Mãe de Jesus.

Tudo em seu vulto reluz
Como um clarão de miragem,
E os braços lembram um pagem
Que tenro infante conduz...

O' braços de brando arminho!
¿Aonde, sim, com jeitinho
Para abraçar contra o peito,

Se mãe, o filho querido:
Se espôsa, o terno marido:
Se namorado, o Eleito?!

(Da 2.^a edição da *Minha Pátria*, livro III, a sair).

MATEUS MORENO.

Des. de MARTINHO DA FONSECA
(Para o livro *O Amor Português*, de L. Chaves)

UM ESCULTOR ESPANHOL

: José Planes :

JOSÉ PLANES é um bem eloquente exemplo de quanto podem a força de vontade e a tenacidade ligadas a uma sensibilidade cheia de requinte. Ele conseguiu vencer no curto espaço de tempo em que os outros mal conseguem ensaiar os primeiros passos no grande mundo das Artes, tão somente reservado aos eleitos. O seu nome aparece nas crônicas dos grandes críticos ao lado dos consagrados como Casanova, Júlio António, Higneras, Gargallo, Azorey, Borrell, Cristóbal e tantos outros, sendo com justiça considerado um precursor do grande Salcillo, atendida, é claro, a distância de épocas que os separa — aproximadamente três séculos.

Duma modéstia tão grande como o seu valor, José Planes define-se nesta resposta precisa que ele costuma dar, desprendidamente, a quem o interroga sobre a sua profissão:

« Un escultor con muchos deseos de hacer una gran obra para conseguir la tranquilidad espiritual. »

Consegue, de uma forma maravilhosa, transmitir às suas obras uma tal luminosidade, uma vida interior tão admiravelmente definida, que nos sentimos esmagados ao contemplar qualquer das suas muitas obras, que o tornam um dos mais formidáveis Artistas do nosso tempo.

Não segue escolas, mas as suas normas estéticas realizam um poder supremo. Nelas se atoa o lucilante facto do clacissismo grego, à seara emmaranhada e úbero das modernas e mais perfeitas escolas dos últimos séculos. O seu sentido estético é o sentido de uma visão clara e pessoalíssima.

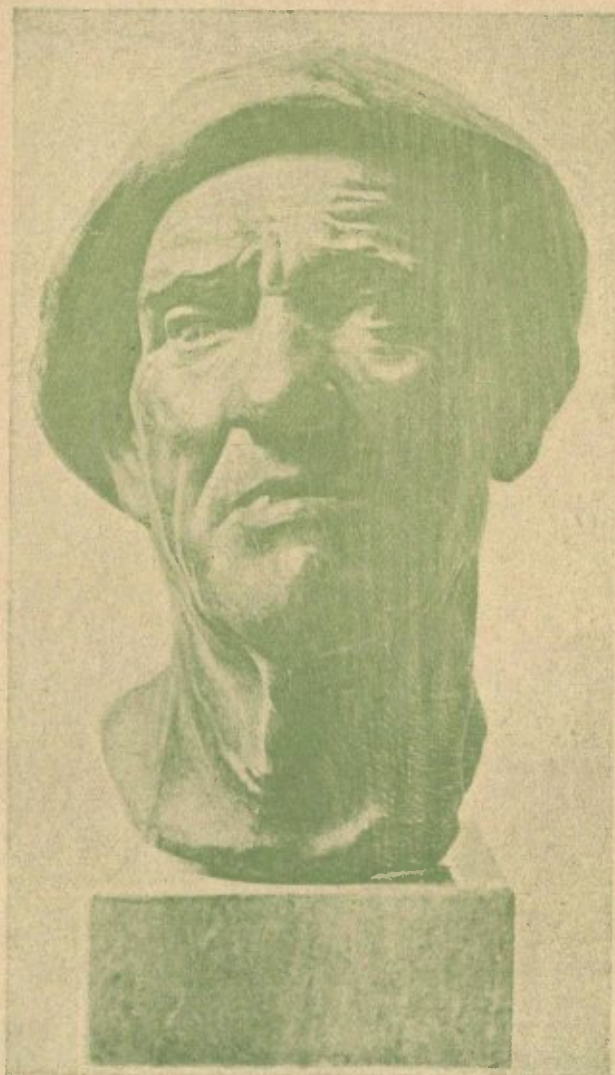
José Planes, ressurgido um passado remoto, que se define pela pureza magnífica das linhas e planos, a qual um particular enfastado de olhos torna esfingica, ergue ao mesmo tempo também, para nós, nas ondulações sofredoras dos seus trabalhos, um presente que se torna comovedor e impressionante, porque é a alma moderna brotando nêles, como se brotasse de corpos impecáveis estuando vida, ora alegre, ora triste: ora acalentando ilusões, ora apagando desalentos.

Estou convencido que José Planes não deixará, como me prometeu, de vir este ano até Lisboa revelar-nos a sua Arte,

e aí encontrará o mesmo ambiente de carinho que aqui em Coimbra, que ele tanto ama, lhe foi justamente dispensado.

Coimbra — Sub-ripas, 37
10 — Julho — 923

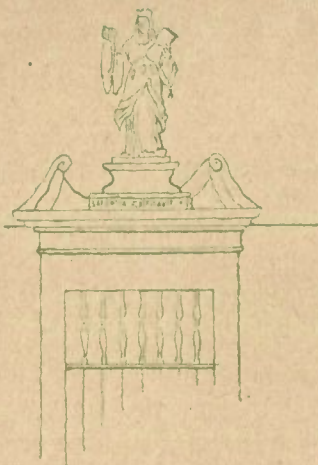
GASTÃO DE BETTENCOURT.



CABEÇA CASTELHANA
(BRONZE)

Por José Planes

De Coimbra



DEPOIS de a *Alma Nova* ter com tanta justiça homenageado a mulher portuguesa, mal me ficaria a mim não seguir em passo tão galante,

acudindo com as primeiras palavras desta carta em honra das donas e donzelas que dão a esta cidade o complemento do seu enorme encanto, inspirando os rouxinóis, enfeitando os poetas, e tantas vezes fazendo perder aos rapazes as cabeças e os anos lectivos.

Mulheres formosas e feminis entre todas, ¡quanta vez ao roçar dos seus vestidos não se sente prêso o coração dum moço, sonhos a voar, alma como que erguida a regiões mais altas! Quanta vez ao passar dalguma, sua longa *écharpe*, a atitude conservando ainda, por um secular prodígio, a linha da padroeira de Coimbra, não há a segui-las uma oração ansiosa: «Minha Rainha Santa...»

Mas na apologia da mulher de Coimbra, não me consente o meu coração de velho estudante o esquecimento dêsse bondoso e maternal tipo da servente — a rapariga activa que trabalha entre riso e canto, alegre na fortuna, fiel nas privações, e que com promessas e risos vai iludindo «virgo inviolata» a brêjeirice dos mil estouvados que giram à sua volta, nem sobretudo a vèlhota carinhosa que nas horas amargas oferece o seu pecúlio, corre os pregos e vai às escondidas pedir para um seu patrão noyo a protecção do lente que também já fôra seu antigo patrão.

E é interessantíssimo, na verdade, êsse tipo da mulher que lida com o estudante. As cadeiras dos cursos superiores não tem segredos para elas. Vão-lhes lá dizer, por exemplo, que F. está prestes a formar-se: — «Êle? Ainda nem sequer tirou a Anatomia.»

Uma vez, no meu primeiro ano, fui a uma república em que tinha rapazes amigos. Estavam a ceiar alegremente, quando entrei. E uma rapariga que vinha de dentro com uma abada de pratos, reparando em mim, interpelou-me: Diga lá, doutor, «a vida social, escreve Scilio Vanni...»



Eu acabei, confusamente, a vaga frase: «complicado... diferenciado... órgãos, funções...». E ela rematou, para minha vergonha: — «Não há dúvida, é caloiro.»

Depois conhecem os lentes, sabem como regem as respectivas cadeiras, e criticam, sobretudo, a maneira como se portam nos actos.

Um meu companheiro, que passara o inverno a bailar em *soirées* e o verão nas fogueiras, não conseguiu no acto esgueirar-se entre os senos e as tangentes com a sua habitual elegância, e apanhou um chumbo.

Ainda estou a ouvir a servente à minha porta, falando para outras:

— Coitadinho! Também sei que o apertaram de mais no acto. Preguntaram-lhe o «binóculo de Newton» e não saíram dali. ¡Veja lá, uma pergunta do Liceu!



^v^v^

Quanto a transformações, por aqui poucas. A primeira e a melhor é a abertura do Museu de Arte Sacra, junto ao Machado Castro, naquela igreja de San-João de Almedina — ¡quem na viu e quem na vê! — à qual uma janela e uma portada renascença vieram tirar aquele antigo ar da sua fachada sepulchral, falando de não sei que escuro e inescrutável espirito religioso.

Também abriu, finalmente, o decantado Café Manuelino, encostado à igreja de Santa-Cruz. Muito tempo esteve escondido por detrás do taboado, e os amigos da cidade interrogavam-se irrequietos: «¿O que sairá daqui?» Havia discussões. As imaginações voavam. Por fim, derubados os tapumes, o claro edificio está agora à vista de todos. A sala, sob uma bela abóbada manuelina, é grande, arejada, fresca. Ao fundo os florões duma capela abrigam o contador. Mas o que mais deu no goto ao público foram os dois suportes, de cimento armado, da iluminação da fachada, de cada lado da porta. E pelo seu feitio, entre grifo e água, foi rà-



pidamente pegando o nome, ao estabelecimento, de «Café dos Passarões».



* * *

¿Lembram-se daquele esplêndido «lance d'olhos» da Cou-raça de Lisboa?

Do muro baixo do Sul, verdadeiro parapeito dessa janela da cidade, a vista enfrenta com a colina de Santa-Clara, e espraia-se, Mondego acima, pela mais linda paisagem que possa imaginar-se, — pomares, várzeas, pinhais, — até à muralha distante da Louzã, azulina e translúcida no ar lavado.

Pois anda-se agora a erguer dêsse lado a primeira casa para lhe tolher a vista. E outras virão, esperemo-lo. As casas, espalmadas pela muralha acima como uns bacalhaus, nunca serão grande coisa; mas em compensação desaparece a vista. A educação geral ainda não chegou, felizmente, a debruçar sobre o muro grande número de pasmões. Mas pode chegar um dia ¡sabe-se lá! E é de boa prudência ir desde já acabando com essas nesgas de azni e sonho, que os tempos não correm para amar e o que é preciso é aproveitamento útil de todos os momentos.

* * *

A vida desportiva faz furor. Há grande empenho na realização de um *stadium*. O futebol chama aos campos de jogos toda a cidade e inúmeros forasteiros. Os jogadores são levados em triunfo, há manifestações de dia e de noite, o entu-



— ¿Então, êsse café?! —

siasmo chega às vezes a premer freneticamente a válvula de escape da pancadaria. Às 10 da noite a cidade agita-se de repente. Há gritaria, mós de povo na rua. Os vidros estremeçam com detonações. ¿Será a revolução? ¿Será a questão do Instituto? Não. Foi um telegrama que veio anunciando mais uma vitória do *team* da Associação Académica, que lá por longe venceu mais outro clube, e vai às finais.

E, arrastados por êste entusiasmo, várias repúblicas organizaram um campeonato disputando um lauto prémio báquico. E era vê-tas seguir às tardes para o campo de Santa Cruz, um *team* distinguindo-se por largos chapéus de palha, graciosamente presos por uma fitinha de sêda sob o queixo, outros com grossas pernas cabeludas a sair de calças de mulher, cheias de rendas. E à troca de galhardetes, era um gôsto ouvir-se saudações como esta: «¡Pelos Grilos Foot-ball República! Gri-gri-gri! Hurrah! gri! Hurrah! Gri-gri! Hurrah!»

Enfim, o *Tiro e Sport* promove o concurso hipico na Insua dos Bentos, e um campeonato de desportos atléticos em Celas.

E para que a esta ânsia pela força bruta não falte a compensação da beleza e da graça, à data em que fecho esta carta realiza-se no Jardim Botânico um festival à noite, em que senhoras das mais elegantes de Coimbra prestam um gentil socorro a uma obra de caridade e deixam no espirito dos nossos visitantes a melhor recordação desta cidade de encanto, terra da Graça e dos Amores.

NUNO CRUZ.

(Ilustrações do autor).

NO PRÓXIMO NÚMERO:

PROBLEMAS REGIONAIS: Por MAURÍCIO MONTEIRO
 “O Algarve e a sua autonomia administrativa” : :

Quere dinheiro?

Jogue no

Lama

R. do Amparo, 51

LISBOA

Telefone: Norte 4020

UM LIVRO NOTÁVEL

SOB O TÍTULO

O Desenho e as Mulheres

NO LABOR ARTÍSTICO DE RAFAEL BORDALO

É autor deste belo livro o nosso querido camarada de redacção J. Saavedra Machado, que ás suas óptimas qualidades de artista alia as de analista profundo e escritor brilhante. A apresentação é feita pelo ilustre erudito, sr. dr. Arlindo Camilo Monteiro, num curioso estudo médico-psicológico da obra de Bordalo, estudo que deve marcar, e numas notas biográficas sobre Saavedra Machado, as quais com a devida vénia vamos transcrever.

SAAVEDRA MACHADO

: E O SEU ESTUDO :



SÔBRE várias feições a considerar na sua extensa obra e que aceituam os elevados dotes de espirito do glorioso artista, versa o presente estudo de Saavedra Machado, enriquecido de inéditos, coligidos, entre os melhores, pela sua mão conscienciosa e perita.

Artista também, cheio de emotividade e subtilidade, encarando o Mestre — como o denomina — sob pontos de vista originaes, commuica-nos as impressões colhidas pela sua delicadissima retina de cultor apaixonado da arte e afervorado devoto da beleza.

Ao culto elevado do desenho, da aguarela e da pintura, Saavedra Machado, que é uma organização complexa e ansiosa, associa o da forma literária.

Já na *Alma Nova*, de que é director artistico, fixara as suas impressões sobre alguns dos nossos obreiros das formas plásticas, num todo despretencioso, mas de correcção, leveza, graça e sinceridade. E agora, diante da obra de Bordalo que, contemplando atentamente, estudou com o carinho, a consciencia e o escrúpulo que põe em tudo o que faz, descreve-nos como a sua sensibilidade foi impressionada, os ajeitos do seu espirito, confrontos e ideias por ela despertados, as observações que lhe iam acudindo, e traduz tudo isso numa prosa, não presumida ou recamada de atavios, mas graciosa, serena e em cuja singeleza, como limpidez de estilo, estremece uma sincera emoção.

Referindo a terna e repassada idealidade de algumas páginas de Bordalo, e com rara precisão e esmerado relêvo que nos apresenta Omlherme de Azevedo e o actor Santos nos seus leitos mortuários. E no resto do seu livro o mesmo cuidado descriptivo, a mesma suavidade e clareza no expressar a sua modalidade sensória, emotiva e sentimental, como os seus pensamentos.

Alma inquieta, laborada por uma perpetua sedução de beleza, Saavedra Machado tem-se dedicado a tratar com carinho, saber e verdade, vários ramos da arte. A sua actividade produtiva acha-se graciosamente focada pelo lápis desenvolvido, jovial e communicativo de Valença, na caricatura que acompanha este volume.

Independentemente do retrato, da illustração elegante e curiosa, da aguarela ternamente expressiva, das manchas feitas de cambiantes de luz, impregnadas de nostalgia, das suas naturezas mortas que sonham no abandonado esquecimento de vaga tristeza a ansiedade da sua vida activa, Saavedra Machado tem abraçado com entusiasmo o desenho scientifico, sendo neste ramo de especialização o nosso primeiro artista.

Quem teve ensejo de compulsar os Álbums dos seus trabalhos, que deixou no Museu Etnológico, pode avaliar de

suas preciosas qualidades. Com uma exactidão impecável aí foram reproduzidas várias peças, utensílios, armas, achados archeológicos e documentos etnográficos, sem que na sua inteireza, mutilação ou deformidade, o mais leve pormenor como insignificante defeito houvessem sido esquecidos. Mas essa fidelidade surpreendente não impede que o artista, pela disposição do tracejado, contrastes de luz, efeitos combinados de claro e escuro, anime esses objectos, lhes communique feições inéditas de uma secreta e suave emoção, de vaga e poética espiritualidade. Parece que nos segredam os mistérios da sua vida evolutiva, recordam o seu passado, soluçam sobre a animação, a integridade ou a alegria perdidas, ou nos talem do enternecido carinho com que as collien a mão ansiosa do pesquisador.

Que poder de observação, firmeza e finura de traço, que intenção evocadora presidiram a todo esse labor! E como a assinalar a sua alma contemplativa, um halo de misteriosa melancolia envolve as produções do artista.

E, se aí deixon preciosidades que mereceram honrosa referência ao Professor H. Sayce, de Oxford, a sua actividade sedenta de saber desvendar os segredos, apurar e desenvolver os seus recursos técnicos, não estaciona. De desenhador do Museu Etnológico passa a conservador do Museu de Anatomia. Do segredo das coisas inertes e sempre inanimadas, ao das formas humanas, em que palpitou a vida. E aqui, em pouco tempo, realiza estudos de valor, como tive ensejo de ver, graças à cativante amabilidade do ex.^{mo} amigo e ilustre Professor Henrique de Vilhena. Os trabalhos executados possuem uma tão cuidada observação de minúcia, junto a uma leveza de traço e suave distribuição de luz, que os torna admiráveis. Nas reproduções osteológicas não há depressão, apófise, chanfradura nem aresta que não esteja aí representada com flagrante verdade e esclarecida visão. Nas outras, as anomalias anatómicas pesquisadas sobressaem com relêvo, entre músculos, vasos, nervos, na sua natural disposição por planos, num conjunto perfeito e elucidativo, de modo a surgirem cheias de frescura e interesse.

Esta fase da vida do artista contribuirá, sem dúvida, para desenvolver largamente os seus recursos criadores, de modo a legar-nos, com toda a consciencia e perfeição da sua técnica delicada, uma obra cada vez mais ampla, em que reapareça sempre renovado o encanto da vida e das coisas numa discreta tonalidade de melancolia, que julgo ser um dos característicos poéticos da sua alma cheia de sonho e cheia de nobreza.

ARLINDO CAMILO MONTEIRO.

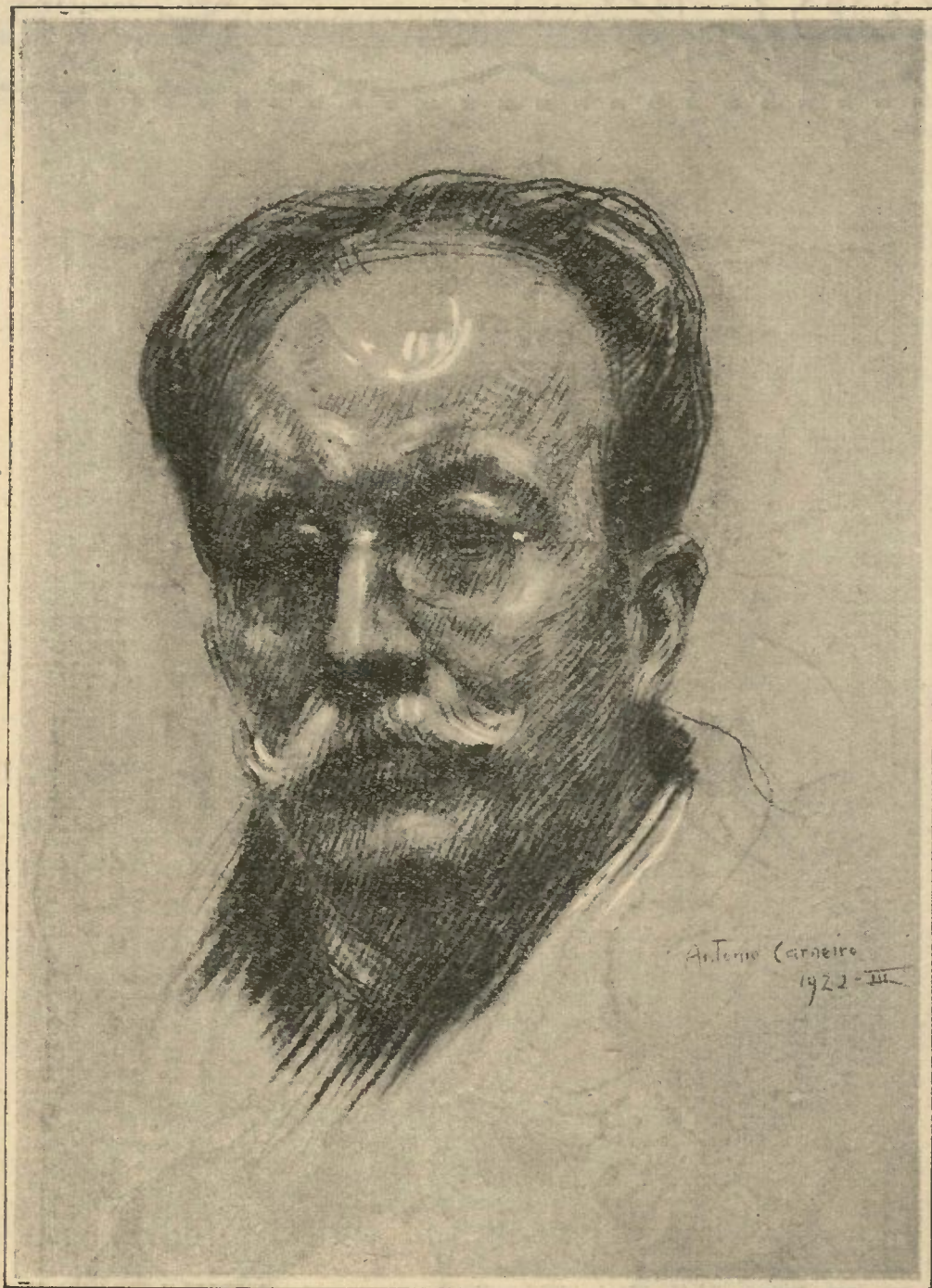


*to seu querido Amigo e
excecente colega João Saavedra
Machado off F. Valença*

= 1920 =

J. SAAVEDRA MACHADO

POR F. VALENÇA



CRUZ MAGALHÃES

POR : : : : :
ANTÓNIO CARNEIRO

O SR. CRUZ MAGALHÃES, ILUSTRE POETA E GRANDE APAIXONADO DAS COISAS DE ARTE, É JUSTAMENTE CONSIDERADO UM DOS NOSSOS BENEMÉRITOS. FOI ÉLE QUEM, A EXPENSAS EXCLUSIVAMENTE SUAS, ORGANIZOU E FUNDOU O MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO, AO CAMPO GRANDE, HAVENDO-O RECENTEMENTE DOADO À CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA, SEM QUE, TODAVIA, ATÉ À DATA A SUA DOAÇÃO FOSSE OFICIALMENTE ACEITE. O MUSEU ENCONTRA-SE POR ISSO ENCERRADO, ESTANDO S. EX.^a DISPOSTO A OFERECÊ-LO A QUALQUER : : : : : INSTITUIÇÃO DE CARIDADE : : : : : :

O INVEROSÍMIL

CONFÊRÊNCIA

PROIBIDA

ORIGINAL DO INSIGNE ESCRITOR E MORALISTA

Excelentissimo Senhor

Lorde Pechincha de Nadavale



«Se o orador considera o público uma rãua de imbecis ignorantísimos, o triunfo é certo».

DEMÓSTENES JÚNIOR.

*Ninguém me apresenta porque eu não necessito de apresentações, sou bastante conhecido intra e extra fronteiras. De muito novo a fama do meu nome glorioso se espalhou pelo orbe. Fui várias vezes expedido à França, à Itália, ao Brasil, e a outros centros de cultura intelectual intensiva, como representante das lusas letras, tratei de igual para igual os principais escritores mundiais. Lancei-me depois valentemente na improficua e inglória batalha das letras, e, mercê de várias tretas dos meus inimigos, fez-se um **complot** para me inutilizar! Vão intento!... Por mais que de mim se rissem zoilos alvares, por mais que me pateassem imbecis, incapazes de compreenderem os vãos do meu estro, o caso, o grande caso, é que as minhas edições se esgotam, o meu nome triunfal goza uma justa fama universal.*

Tenho, pois, a emancipação literária bastante, e assás gloriosa, para vir por meu pé, e só, fazer esta rítila e elegante conferência.

Entro no assunto:

O inverosímil não tem uma existência verdadeiramente positiva, foi criado pela estultícia vaidosa da Humanidade. Chama-se, por aí, inverosímil à mais autêntica e dominadora expressão da verdade. É um erro, que esta minha lúcida e abalizada conferência vai destruir. A primeira vista parece que laboro num paradoxo. Não laboro tal.

O homem julga-se o rei da eriação, mas é supremamente asno, no dizer conspícuo do meu insignificante confrade Confúcio. Basta, como prova, considerar os milhares de séculos durante os quais o homem desonrou a terra, sem ter descoberto o rádio e todas as suas aplicações, nem sequer o seu fácil fabrico! Segundo a opinião, aliás sem importância alguma, do meu colega Arquimedes, se as formigas disposessem da faculdade de falar e de escrever, há muito estariam estabelecidas carreiras de aeroplanos, se não hebdomadárias, de-certo diárias, ou talvez horárias, para todos os planetas habitados e desabitados.

Se é licito ligar alguma importância a uma vulgaríssima afirmativa do meu antigo mestre Diógenes, a vaidade é a única mola impulsora do bicho homem, que, quanto mais fátua ostentação exhibe, maior número de adeptos alcança. Sem receio de desmentido, direi que o desvalioso filósofo não atingiu a eulminância da verdade: a mais forte mola do homem, é, incontroversamente, o egoísmo. O longo estudo atento, porfiado e proveitoso, digo-o de cabeça bem alta, sobre todas as fases — e todas as fezes — da Humanidade, garante-me

o que afirmo, e, tanto assim é que qualquer homem, principalmente hoje em dia, não egoísta, é logo apontado como tendo pancada na mola. (*Manifestações impulsivas e ruidosas*).

Poderia citar, meus iletrados e inconvenientes ouvintes, opiniões de alguns insignificantes meus ex-colegas, ex porque todos passaram já à lamentável mas honrosa categoria de pessoas defuntas: Herculano, Camilo, Antero, Eça, Marcelino, Ortigão, Fialho, etc., etc., etc., — todas concludentes, todas esmagadoras, todas irrespondíveis, contra a importância, contra a sciência do *homo sapiens*; e mas, em verdade — por mais inverosímil que ela seja —, que valem esses ridiculos e obsoletos modos de pensar, expostos sem brilho e sem elegância, perante a avalanche radiosa e potente da moderna literatura?!?!!

Quereis uma prova do que afirmo?

Na linguagem arcaica dessa pléiade de descategORIZADOS, que só o elogio mútuo consagrou, nem uma só vez aparece, sequer, o formosíssimo verbo da moda, cheio de graça, de beleza e de eufonia, de facillima dicção, e, sejamos justos, imprescindível para o regular funcionamento da lingua, como bem afirmam e provam os vernaculísimos e pujantísimos escritores de agora, enfim, a mais prestadia, a mais insubstituível palavra moderna, o verbo *constatar*!

Na genuína, mas escassa, lingua portuguesa não há um só sinónimo desse alegre e redondo vocábulo! *Verificar, asseverar, confirmar, notar, assegurar, ga-*

rantir, averiguar, corroborar, autenticar, etc., etc., etc.?!... Mas, isso são galicismo charros, irritantes, inúteis... Todos sabem que um idioma é tanto mais rico quanto menos palavras possui para traduzir as ideias e os factos; se com uma só palavra, de sabor deliciosamente francês, podemos significar o que várias outras nacionais exprimem, é claro que tornamos o estilo muito mais florido, muito mais expressivo e, sobretudo, muito mais catita!

Constatar, constatação: palavras beneméritas, salvadoras!... Assim o proclamam todos os meus ilustres, conspícuos, abalizados, eruditos e fecundos colegas da geração hodierna, da geração contemporânea, a única que contém tudo... e mais alguma coisa, — aquela coisa subtil e odorante, que enebria os uovos com tanta razão, quanto escandalizava os velhos sandeus. A nobre e gloriosa geração contemporânea, do alto da cátedra do saber... de audácias feito, assim o proclama: o verbo *constatar* não tem equivalente na língua pátria, é insubstituível. A garantia mais garantida da autonomia dum povo é a sua língua, que deve defender-se e conservar-se na máxima pureza, só maculada com os estrangeirismos indispensáveis. Por isso afirmam: mais indispensável do que o *constatarzinho* nada se conhece. Apoiado! Muito bem!

Creio que ouvi vários *apoiados* e entusiásticos *muito bem*. Não são minhas estas esmagadoras verdades, mas aceito os aplausos, tão justos para os proclamantes delas, como para mim, seu indefectível porta-voz.

*

* *

A primeira vista pode parecer que me tenho afastado do grandioso tema desta proficiente, ponderada e proficuíssima conferência, que influirá radicalmente nos destinos pátrios. Não tenho. O inverosímil domina triunfalmente, universalmente a nossa época; prevalece, pois, nesta conferência, que a consubstancia. Se o podemos considerar de todos os tempos — em verdade, inverosímil — o seu império máximo é plenamente contemporâneo. Podemos até afirmar que a verdade nunca foi tão inverosímil como agora!... (*Caloríssimas interrupções e ápartes violentos*).

Basta, meus ignaros ouvintes, basta! Mereço as vossas constantes manifestações de aplauso espontâneo, e, quiçá, de solidariedade. Não estais à altura de apreciardes as pérolas que vos lanço, bem o sei; é a vossa provadíssima má criação que vos move; mas assim cortais-me o consubstancioso fio do meu erudito e majestoso discurso! Calma, meus grosseiros ouvintes, calma! Vou prosseguir:

O inverosímil? O inverosímil?! Mas, quem é o inverosímil?! O que alvarmente se não acredita, supondo-se absurdo? O absurdo!... Outro erro psicológico!... O absurdo também não existe. Esse será o tema flagrantíssimo de outra magistral conferência minha, visto que ele é outro potentado actual. O absurdo?! Mas não se nos depara constantemente na vida diurna e nocturna o absurdo imperante?! O que foi a grande guerra senão um supremo absurdo?! Contudo esse absurdo esmagou-nos, e as suas conqüências esmagam-nos ainda!... Não serão absurdos esses dilectos filhos da grande guerra, gigante calamidade humana — os novos ricos — que nos enlameiam com as suas riquezas de contrabando, com as suas arrogâncias de recém-vindos atrevidos?! E nós não os gramamos? Passe o plebeísmo que é justo. (Vozes: *passa, passa, passa fora! Muito mal! Alguns proletários exaltados dão vivas á revolução social e á queima sumária de todos os novos-ricos, incluindo os antigos*).

Não será absurdo o triunfo audaz dos nulos, e não é ele evidente? Não vemos nós, e não assistimos nós, à cultura inteusiva, irritante e contínua do Poesia, no mais prosaico tempo de todos os tempos?! Não contemplamos nós a arte escabujante e sórdida do passado querendo rivalizar com a arte contemporânea, essa que eleva ao Capitólio do supremo encantamento os preclaros futuristas, cubistas, simbolistas, desequilibristas, esterecoristas, meus radiosos colegas, colegas com

que me orgulho, com que desvanecidamente me honro nas malas-artes, perdão, nas belas-artes, porque é também uma bela arte escrever e orar como eu escrevo e oro, conscientemente, sem sombra de vaidade?! (Vozes: *ora, ora, ora!...*) O inverosímil Mas o inverosímil é tudo na vida. Sem inverosímil a vida seria uma coisa ôca e tediosa: é o inverosímil que verdadeiramente prende o homem à ideia, que nos desperta do materialismo: o inverosímil é a transcendência, é, em suma, a síntese sagrada do ideal moderno! Sem ele, quem poderia adaptar-se ao tumultuar cachoante da época contemporânea, ao transformismo radical, que se opera ovante no modo de ser e no modo de pensar das sociedades requintadas?!

Orgulho-me de fazer aqui a apologia do inverosímil, pois que esta época se pode classificar, sem receio de contradita, a época inverosímil.

Não será pitorescamente inverosímil a salganhada de incompetências triunfantes que para aí campeia, desde os altos comediantes da Política até aos preponderantes, consagrados e simbólicos revolucionários civis; desde o grande burocrata parlapatão até ao servente, cheio de cômicas arrogâncias; desde o pançudo financeiro *miliciano* até ao vigarista ardiloso; turbamulta heterogénea, açambarcadora da sociedade portuguesa, em que todos, à compita, põem ignominiosamente a Pátria em almoeda, numa feira da ladra quasi geral?! Feira da Ladra desnaturada, exclusivamente composta de falsificações, que se ostenta impudica desde as consciências até aos géneros alimentícios, desde os princípios religiosos, económicos, sociais ou filosóficos, até aos fins... inconfessáveis!...

Escusado será dizer que inúmeros inclitos membros desta citada e nunca assás cantada salganhada são decorados, exibem gloriosamente as insígnias dos seus hábitos... para melhor encobrirem os péssimos costumes.

A mortalidade infantil é apavorante; o abuso do álcool, do fumo, da cocaína, deprime as inteligências, se não as dementa; a inversão repugnante de certas funções, a venda, fartamente anunciada, de ingredientes que deviam ser proibidos, e mil outros motivos, provocam a diminuição dos nascimentos. A raça de paupera-se, a moral naufraga em clandestinas fobias de tudo que é salutar e honesto. As batotas ricas ostentam a sua podridão doirada, intimamente composta de depravada devassidão. São proibidas por vezes para surgirem depois mais atrevidas...

Reconhece-se a impossibilidade de proibir, a valer, o jogo, mas não se regulamenta, anferindo, ao menos, dum vício ruinoso, mas dominador, um lucro valioso para instituições beneméritas. E todos sabem que são regulamentados escândalos peores, como a prostituição.

A escola da rua, a mais propagada de Portugal, exagera nos rapazes os instintos ciganos e o pendor para a gatunice; nas raparigas prepara-lhes um futuro ignominioso.

Há um asilo, em Lisboa, de invocação do arquiverosímil elaviculario celeste, em que se ministra indistintamente às recolhidas uma educação completa de linguas, piano, e de outras prendas, que as tornam vaidosas e incapazes de se sujeitarem a serviços, que não sejam dos *finos*. Muitas dessas raparigas, quando saem do asilo, envergonham-se de acompanhar as próprias mães, estas de chaile e lenço, aquelas de *chaspetinho*!

Resultado: um maior incremento nos registos do governo civil!

Mas tudo isto é naturalíssimo, dentro do inverosímil!...

Um ignaro funcionário de asilos e de outras casas de caridade, onde permaneceu uns exíguos trinta anos, teve a fantástica ideia de todas as asiladas se recolherem primeiro numa casa única, durante uns meses, — os bastantes para se lhes estudarem os instintos, as tendências, a vocação, enfim, — distribuindo-as depois pelos vários asilos em que as especialidades-educativas fossem restrictas, e conforme ao grupo de vocações apuradas. Mas isto, está claro, é música celestial, asueira! Pois numa barafunda inverosímil, pensa lá alguém em normas, em processos de selecção práticos e proficuos?

Quereis mais?

O fóro, é um desafôro; o primeiro tribunal do país, uma pocilga; as prisões, proveitosas escolas superiores do crime!

Sem ofensa para os venalísimos senhores do desafôro, absolutamente inverosímeis, direi que êles são um espelho fiel da época fraudulenta, dos costumes pervertidos, dos caracteres dissolutos. Se assim não fôsem, estariam em franca desarmonia com a linda sociedade hodierna.

Ora, a respeito de Justiça, vou, muito eruditamente, dizer algumas palavras de oiro.

Houve para ai um reles caricaturista, que, mereç da papalvice indígena, gozou uma aura gloriosa, abiscotou as mais lisonjeiras homenagens e a mais larga fama, e conseguiu tudo isto, aliás vulgar, máximamente por ter sido um papão dos políticos e da politica — a Grande Porca, cada vez mais porca e cada vez maior, — bem como dos homens de todas as classes. Valor real não tinha nenhum.

E' bom notar que foi também um subserviente adulator do «Zé Povinho», que criou, amamentou, e fez gente, com mal empregada dedicação e carinho. Pois êsse pobre diabo, que nunca atingiu a potentíssima craveira de qualquer futuristazinho de agora, figurou a «Justiça» flagrantemente. Valha a verdade inverosímil, foi a única coisa com geito que fez em toda a sua infecunda vida!... Pintou-a como velha asquerosa, de cabelinho na venta e na alma, com a venda a tapar-lhe só um olho, com a clássica vara tortíssima, e escondendo atrás das costas a balança aladroadá! Só lhe faltou, no meu conspicio copecito, fazê-la coxa, para significar a extrema lentidão com que a pérfida rameira se arrasta...

Como o sarrafaçal pinta-monos valor algum tivesse, intrínseco e extrínseco, a-pesar-de ter deixado uma obra vastíssima em milhares de páginas, que illustrou, em jornais seus, e de várias emprêsas, tanto no país, como no estrangeiro, — coisa efémera, afinal, — dêle nada restaria para os vindouros illustres, e mesmo para os actuais solertes, letradíssimos, egrégios coutemporâneos, se um palermíssimo idiota, que em nada conseguiu ser gente, não tivesse, tão paciente, quão pródiga e inútilmente, criado um Museu de consagração ao tal caricaturista de meia tigela...

E' claro que o palermíssimo idiota tinha em mira, unicamente, segundo os mais justiceiros críticos, atingir a imortalidade de cambulhada com o insignifican- tíssimo extinto...

O maduro gastou anos e anos de porfiada labuta, dezenas e dezenas de contos, uma extrema paciência, com tudo e com todos, num culto imbecil... para quê? Para oferecer o Museu, o edificio em que o mesmo está instalado, e terrenos anexos, à tão olimpica como justamente transacta Câmara Municipal de Lisboa, apolíneo alfobre de estetas, centro ubérrimo de Petrónios gigantes, academia da delicadeza iudígena, na suposição estulta de que a fúlgida edilidade lhe aceitaria agradecida tão mesquiulha quanto repugnante dádiva...

O patetóide teve a devida recompensa: a Câmara Municipal de Lisboa nem sequer respondeu ao parvoeirão doador. Fez ela muito bem. ¿Quem o mandou, ao desigualável vaidoso, ser asno, armar em benemérito, num País em que as consagrações nacionais aos Artistas são por tal forma abundantes, que não há largo, rua, travessa ou hêco, em que se não esbarre com as supraditas cousagrações?

¿Não vemos nós, com exuberante motivo, João de Deus num recanto escuro e ignorado dos Jerónimos; Camilo perpetuado no mármore dos grandes esqui- cimentos; Silva Porto vendido em leilões, para gozo de particulares; Soares dos Reis no triunfo estrondoso da quasi ignorância de ter existido? ¿E tantas, tantas provas de culto pátrio, tão eloquentes como demonstra- tivas da mais preclara educação cívica?

Com o romancista supremo, e com o tal pinta-monos, deu-se uma coincidência curiosa: enquanto vivos não houve homenagens, consagrações, que se lhes não prodigalizassem, tratavam-nos nas palminhas — porque os temiam. Mortos, o mais completo olvido, o desprezo até official, e quasi geral, — por já não meterem medo!

Isto revela pura e simplesmente uma indecorosa cobardia, tão verdadeira quanto inverosímil.

Bem o sei, na minha comprovadíssima cultura, bem o sabeis vós até, iguorantíssimos oavintes: todos os vulgaríssimos portugueses citados nada são e nada valem perante a coorte ovante dos poetas, dos escritores, em geral, de todos os destumbrantíssimos artistas da geração coutemporânea. Hossana à portentosa! Três vezes hossana!

(Vozes: três vezes nove vinte e sete. Bolas! Ignorante é êle. Fora!).

— Basta, já vos disse, e, se o não disse, digo-volo agora: não tolero manifestações, que não sejam de agrado, não me interrompais. Fingi, ao menos, que bebestes chá em pequenos. Ordem. Vou prosseguir:

Do que referi a respeito do tal inutilíssimo «Museu», conclue-se o seguinte apêlo: — aprendam os altruistas: comam, bebam, esponjem-se em prazeres, sejam filhos da época, gloriosos novos-ricos: dissipem quanto suas alambazadas forças permitam... — a posteridade não vos esquecerá, o mundo é vosso...

Seguindo a minha conceituosa enumeração de verdades inverosímeis, direi mais: Lisboa, pôrto da Europa, é uma pavorosa vergonha, mercê, sobretudo, do nojentíssimo estado em que a deixou a edilidade justificadíssimamente transacta. Justificadíssimamente transacta porque a única coisa boa, que nos deixou, foi ter passado ao passado, e a peor foi ter existido.

Senão, vejamos: do quadriênio em que essa malfadada edilidade viveu como ostra sem pérolas, num *mare-magnum* de asneiras, ficou por fazer o monumento ao Marquês de Pombal, cuja primeira pedra foi assente há mais de quarenta anos; por fazer ficou o Parque Eduardo VII, cujo início tem cabelos brancos; ficou por transferir o Matadouro Municipal e o Mercado Estefânia, notando-se que na Avenida Casal Ribeiro, para gáudio das colarejas, se permitiu que fôsem derubadas as árvores, na sua maior parte; ficou por gradear toda a extensão do terreno em frente do Mercado Geral de Gados, numa das principais avenidas cidadinas, — a Avenida da República; o mercado do Aterro, ali ao pé do embarque e desembarque de alguns milhares de forasteiros, permanece ignóbilmente; o forno crematório do Alto de San-João não se acabou, faltando assustadoramente o terreno em todos os cemitérios: a torre de Belém, famoso mimo manuelino, continua a sofrer uma vizinhança destruidora; a iluminação cidadina chegou a ser o reflexo brilhante da mentalidade municipal, que subiu à Glória; a Avenida Almirante Reis não se ultimou nem no seu seguimento para os lados do Arieiro, nem para a banda do Rossio; o trajecto para o Alto de San-João permaneceu como charneca alentejana; segundo pavorosas estatísticas, dadas a lume recentemente, há milhares de cadáveres insepultos nos dois principais cemitérios de Lisboa. Em resumo: ficou tudo e mais alguma coisa por fazer...

Apregoaram os famosos edis (famosos de triste fama), que deixaram saldo! Mera hipótese. Mesmo que o deixassem, ¿que favor teriam feito? Se tudo houvessem cumprido do seu mandato, se todos os melhoramentos públicos estivessem concluídos, se tivessem, ao menos, deixado as ruas calectadas... Assim, o saldo, se o houvesse, e por maior que fôsse, representava, em última análise, um tremendo *deficit*. Saldo deixaram-no de funciouários, principalmente admitidos num escandaloso *testamento*, que devia ser anulado.

E nem receita soube aproveitar, essa ignominiosa edilidade de triste memória: há três talhões, pelo menos, na Aveuida Almirante Reis, que a desfeiam, e que há muito deviam ter produzido receita camarária. Mas basta, por agora, na descrição dêste moustruoso sudário.

Lisboa é a cidade da Europa em que os maus tratos aos animais são mais ferozes e mais revoltantes.

Os estrangeiros, que nos visitam, e os que por cá vivem, por mais habituados que estejam, ficam edificad- os com a *brandura dos nossos costumes*! Já alguém asseverou, criteriosamente: em Lisboa bate-se nos animais, procurando as partes mais melindrosas, para andarem, para pararem, para comerem, para beberem, e também para as operações inversas. Bate-se-lhes quando caem, e também para se levantarem!...

Os mendigos assaltam-nos constantemente numa lamentável lamúria, ostentando aleijões e feridas, como

em arraial sertanejo. Há-os em poisos certos, dos mais concorridos!...

A peregrina transacta não despertou do beatífico sono, para providenciar em coisa alguma das que envergonham a cidade das tolices, digo, de Ulisses...

Ó inverosímil! ; Sempre o inverosímil! Um País, que quere atrair turistas, não possui estradas e não tem hotéis, ostentando, aliás, a mais bela paisagem, o mais radioso sol, o mais lindo céu!

Na sociedade moderna a negociata impera em todas as engrenagens — rodas com dentes afiados!

¿ Não é tudo isto inverosímil, e não é também uma patente série de verdades?

Indubitavelmente, o inverosímil triunfa!

*

* *

Na Filosofia! ; Que mundos novos a desbravar! Sócrates, Platão, Aristóteles, esses genuínos pigmeus da antiguidade, que nada disseram fecundo, ou sequer útil, profetizaram o advento do verdadeiro Messias da Filosofia, para esta época feliz e hilariante! Agora sim, na órbita infinita das ideias algo imprevisito, novíssimo, em linguagem litupida, enleia as almas e esclarece os eérebros!

Quanto aos Poetas, continua a velha pecha de os meter na burocracia! Acho óptimo! O poeta quere luz, âmbitos de rasgados horizontes, o quietismo das solidões amigas, tem a verdadeira ânsia do Belo e do Intangível!... ¿ Onde melhor colocá-lo do que numa secretaria incolor e nula do Estado, em tão mau estado?!... Todos sabem que é, naturalmente, nos Poetas que reside incubada a prolietíssima boça da pública administração, da lógica, da vida pautada!...

Aos novos filósofos, aos dramaturgos, aos escritores, em geral, eumpre-me, segundo o meu fecundo senso crítico, a minha sciência certa, o meu inabalável talento, a minha sagaz experiência, dar alguns substanciosos e salutareos conselhos: sejam confusos, tornem-se incompreensíveis, tumultuem nas ideias, tanto como na retoreida prosa: os poetas primem também nos versos errados e nos assuntos abstrusos, por forma a justificarem a opinião dum vate ilustre: sejam os versos íntegras lasquinhas... da matéria prima dos antigos pentes! Assim serão grandes e admirados, assim se tornarão verdadeiros ídolos! No meio da confusão preponderante, que nos delicia, só os emmaranhados, os dilectos do artificio, os pomposos ócos, alcançam as palmas do público... e as da Aeademia. Literatos, em geral: eia! sêde eabalísticos, intriqueados, maquiavélicos, e, principalmente, incompreensíveis! Assim obtreís, com as maiores honras, os máximos lucros! Que não vos preocupem os assuntos, tudo serve, mesmo os mais fúteis — o Vira, bem esmiuçadinho, dá dezenas de volumes, o grande easo é largar sentenças, — copiadas dos outros, já se deixa ver. No campo própria-mente da critica, sêde impiedosos para os pintores, que vos não dêem quadros; para as actrizes, que se não prestem às vossas exigências secretas; para os empresários, que vos não representem as sandices; para os políticos, que vos não dêem boas postas; para todos, enfim, que vos não compensem com generosa largueza as vossas audaciosas expansões de má lingua contumás, pérlda e venal. Sêde papões, para melhor sêrdes eomilões.

Para os abjectos independentes, para os idiotas, que só pelo valor real e pelo trahalho honesto queiram triunfar, tendes a nobre e bela campanha do silêncio. Apoiado!

É' forçoso ser dissoluto, acompanhar os homens e o seu tempo; ter sempre em mente que, se o elogio mútuo é uma bela coisa, o elogio próprio é coisa muito melhor! Tudo isto é inverosímil, e tudo isto é a mais definitiva representação... teatral da verdade!... Até faz lembrar a «Representação Nacional», que, como é geralmente sabido, não representa a Nação, e é a mais teatral e inverosímil das representações que os teatros de todo o mundo tem representado, representam e representarão!

¿ Quereis testemunhos, em factos de todos os dias, do espirito grácil e eclético, exemplar e profundo, dos tempos correntes? Se a moda manda mostrar as pernas às senhoras, elas patenteiam-nas imediatamente, com a mesma facilidade com que exibem o seio e as costas! Se a moda lhes mandar pôr ao léu quaisquer outras partes mais reeónditas, descobri-las-hão gostosamente! Um artista mundial do eíneinatógrafo, para personificar o ridículo, lembrou-se de usar um bigodinho cortado, minúsculo, dum eómico eocoguento, e logo inúmeros bípodes macaqueadores, numa admirável inconsciência, desataram a usar bigodinhos grotescos!...

A morigeração dos costumes, a educação civica, é um embevecimento: percorre-se o Ribatejo e podem faltar escolas (faltam sempre): pois nenhuma terra deixa de ostentar, orgulhosa, uma praça de toiros. ¿ Precisam-se receitas para asilos? Organizam-se toiradas, e lá se levam as eriancinhas para a indispensável cultura espiritual! Ai, pedagogos duma cana! O grande João de Deus punha-lhes um i... Lá sabia. Tudo isto me leva, com a autoridade dos meus verdes anos, compensados por um proveitoso estudo, proveitoso como se fôra secular, a garantir mais uma vez: ¿ o inverosímil indubitavelmente triunfa! é uma instituição mundial!

*

* *

Não se acredita nunca, nem se acredita na verdade! Se vemos uma flor bem pintada, dizemos — parece natural; se vemos uma flor natural de raro colorido, afirmamos — parece pintada! Apreciamos um episódio invulgar da vida e garantimos que é romance puro; no romance, se nos assombram violências fora do eomum, convencemo-nos de que elas traduzem a vida! E' que não ehégamos nunca a saber onde a verdade finda, e onde o inverosímil começa!

Eu posso apresentar-vos, para acabar esta lógica, bem estudada e bem desenvolvida conferência, um caso absolutamente fantástico, duma suprema inverosimilhança aparente, mas duma sólida e incontrovertida verdade! Passou-se o facto autêntico com um meu amigo, tão autêntico como o próprio facto. O meu amigo enviou, e, quando supunha que ia ficar órfão imbele de todos os carinhos, de todos os confortos, de todos os solieitos euidados anímicos e corpóreos, inevitavelmente, indefinidamente, surge uma grande e inesperada consoladora, compassiva, terna, dedicada, amorosíssima, que lhe adoça a existência ao ponto de, fôsse qual fôsse a persistente mágoa da sua viúvez inconsolável, ela ser tão espontânea quanto continuamente açucarada em todas as suas naturais e confrangedoras amarguras!...

O ente ideal, que suavizou a existência ao feliz angustiado — isto parece péla, mas não é —; foi a sua própria e autênticíssima sogra!!

Teqho dito. ; *Murrah* pelo inverosímil!

O orador é triunfalmente ovacionado; inúmeras palmas... de martírio, coroas... de alhos, de cebolas e de toiros, ao natural, com algumas batatas, num substancioso escaabeche, assás envinagrado, lhe euem aos pés; vários outros objectos simbólicos de arremêso contundente resumem uma apoteose quente e vibrante, e proavam, exuberantemente, quanto calaram no espirito dos ouvintes as fecundas teorías do grande Mestre da oratória contemporânea, o qual seguiu para o necrotério.

R. I. P.

NOTA: Lorde Pechincha de Nadavale sabia que ninguém ousava pôr em dúvida os brônzeos argumentos com que condimentava excelentemente a sua consubstanciosa prosa, tão elegante quanto fértil nas mais olorosas flores de retórica, mas como foram encontrados, após a sua prematura e trágica morte, entre os seus papéis velhos, alguns recortes de um jornal da noite, de-certo colhidos para a confirmação da sua piramidal conferência, justo é que se reproduzam, notando-se que não foi contraditado o que nêles se afirma.

Essa reprodução vai ser, porém, feita em panfleto. Pedi-lo á «Alma Nova».

NOTAS SUBSIDIÁRIAS

para uma

Bibliografia portuguesa da Grande Guerra

pelo Tenente JOSÉ BRANDÃO

- 9 **Arroio** (João) — «Palestrando» — folh. 15 p. (0,122 × 0,175), Tip. A Editora, Lisboa, 1917. Edição da Cruzada das Mulheres Portuguesas de Torres-Novas.
- 10 **Assis Gonçalves** (Horácio de) — (Alferes de Infantaria, do Bat. de Inf. 12 do C. E. P.) — «Na Ceplândia. Retalhos da Grande Guerra 1917-1918» — 442 p., il. e c. il., (0,090 × 0,145), Escola Tipográfica da Oficina de San-José, edição da Companhia Portuguesa Editora, Porto, 1920.
- 11 **Idem** — «A Infantaria na Flandres e na História» — 46 p., (0,97 × 0,159), Empresa Veritas, Guarda, 1920, edição do Autor.
- 12 **Bandeira** (A) de Portugal. Comemoração do regresso vitorioso da bandeira de Infantaria n.º 22, do teatro da «Grande Guerra» — folh. 20 p., frontispício il. com uma alegoria de Lacerda Machado, (0,090 × 0,156), Imprensa da Universidade, Coimbra, 1919. (Alocução proferida pelo Tenente-coronel Francisco Soares de Lacerda Machado, Comandante do Reg. de Inf. 22 a quando do regresso do Batalhão expedicionário a França. Com um apêndice: Ordem regimental, noticiário da festa, correspondência e relação dos oficiais e praças condecorados com a Cruz de Guerra. Tiragem: 500 ex.).
- 13 **Beça** (Adriano Acácio de Madureira) — (General) — «Lições da Grande Guerra» — 288 p. (0,103 × 0,181), Tip. do «Diário de Notícias», Lisboa, 1922. (Publicado na Revista Militar, 1919-1920).
- 14 **Beça** (Gothofredo Humberto... Salgueiro) — (Oficial reformado do Serviço de Administração Militar) — «Sob a metralha. Episódios da Guerra» — 191 p., c. il., com retrato do Autor (0,090 × 0,156), Escola Secundária de Comércio, Porto, s. d. (1919).
- 15 **Brun** (André Francisco) — (Major de Infantaria, Comandante do Bat. de Inf. 23 do C. E. P.) — «A Malta das Trincheiras. Migalhas da Grande Guerra, 1917-1918» — 216 p., c. il. por Sousa Lopes (0,083 × 0,142), Guimarães & C.^a, Lisboa, 1918. Tem 2.^a edição.
- 16 **Cabral** (Vitor) — «Propaganda Pacifista. 11 de Novembro de 1921. Inauguração da conferência de Washington, pelo Presidente dos Estados-Unidos, ante a Assembleia das Nações, para o Desarmamento» — 19 p., (0,086 × 0,165), Tip. do «Diário dos Açores», Ponta Delgada, San-Miguel (Açores), s. d., Edição dos tipógrafos do «Diário dos Açores». (Separata do artigo editorial do Diário dos Açores, do dia 11 de Novembro de 1921).
- 17 **Câmara** (José Martins) — (Major de Infantaria, Comandante do G. de M. do C. E. P.) — «A Batalha de La Lys» — folh. 48 p. (0,150 × 0,210), Tip. Operária, Coimbra, 1922, edição do Autor. (Conferência realizada no quartel do 7.º G. de M. em Castelo Branco, no dia 9 de Abril de 1922).
- 18 **«Campanha** (A) do Sul de Angola. Relatório do General Pereira d'Eça. Com um estudo político de João de Castro. E uma carta do General João Jalles» — 109 p. e mais 5 s. n., il. (0,091 × 0,140), Tip. Lusitana, Lisboa, 1922.
- 19 **Campos** (Agostinho de) — «Comentário leve da Grande Guerra. I — Europa em Guerra» — 370 p., (0,075 × 0,135), Empresa Literária e Tipográfica, Porto, 1915. Edição do Autor.
- 20 **Idem** — «Comentário leve da Grande Guerra. II — O homem, lobo do homem» — 300 p. (0,072 × 0,125), Aillaud & Bertrand, Lisboa, 1921, Tip. do «Diário de Notícias», Lisboa.
- 21 **Idem** — «Comentário leve da Grande Guerra. III — Portugal em campanha» — 296 p. (0,072 × 0,126), Tip. da Empresa Guedes, Porto, 1921, Aillaud & Bertrand, editores.
- 22 **Campos** (António Mário de Figueiredo) — (Tenente-coronel do corpo de Estado-Maior, lente da Escola Militar) — «Rápido bosquejo da Grande Guerra, 1914-1918. Nos campos de batalha. Nas chancelarias. O nosso papel» — folh. 31 p., c. il. (0,164 × 0,245), Tipogr. Universal, Lisboa, s. d. (1919) edição do Autor. (Publicado na Revista Militar, 1919, n.º 6-7, «consagrado às forças portuguesas que combateram em França e em África. 1914-1918»).
- 23 **Idem** — «Portugal na Quadrela Flamenga. Através duma velha amizade: das Cruzadas à Grande Guerra» — 62 p. c. il. (0,128 × 0,194), Imprensa Nacional, Lisboa, 1920, edição do Autor.
- 24 **Idem** — «A lição dos mortos. Oração proferida na Escola Militar, no dia 9 de Março de 1921, em comemoração dos antigos alunos mortos pela Pátria na Grande Guerra. 1914-1918» — folh. 12 p., c. il. (0,145 × 0,226), Imprensa Nacional, Lisboa, 1921, edição do Autor.

(Continua).

O LOUCO AMOR

ORIGINAL DE
RAMÓN MARIA TENREIRO

NOVELA

VERSÃO DE
FIDELINO DE FIGUEIREDO

TRADUZIDA EXPRESSAMENTE PARA A "ALMA NOVA"

COM ILUSTRAÇÕES DE SARVEDRA MACHADO

(CONTINUAÇÃO)

MÉIA noite. O defunto, solenemente vestido de sobrecasaca, com um crucifixo entre os amarelos dedos, ostentando no seu semblante a vã gravidade glacial da morte, jaz rígido sobre os colchões da cama. A um e outro lado ardem, mansas, umas lamparinas.

Na sala, duas ou três senhoras, lentamente envoltas em chales, acompanham a Generosa naquela derradeira vigília. Primeiro, toda a gente que ficou aquela noite na casa rezou um rosário, dirigido pelo cura. A alcova, o salão e a ante-sala eucheram-se de figuras ajoelhadas, e o tenebroso convento vibrou longamente, como nos seus melhores tempos, com o rumor das implorantes vozes. Porém depois (visto que o calor da gente decompõe os cadáveres) resolveu-se que só Generosa e duas ou três senhoras mais estejam na sala. Pelas sacadas, abertas de par-em-par, penetra o gelado relento da noite estrelada. A luz de uma lâmpada, as senhoras vão forrando de seda negra e enfeitando com rendas e laçadas da mesma cor a almofada em que há-de descansar a cabeça do defunto.

Generosa, imóvel num extremo do sofá, apertados os lábios, secos e brilhantes, de olhos muito abertos, parece alheia a quanto ali se vai passando. Nem uma lágrima brota dos seus olhos, nem um soluço agita a sua garganta.

As outras senhoras olham-na curiosamente e entre insinuação e insinuação pensam:

— Que mulher! Não chora nem para parecer boa... Claro! Afinal é uma qualquer... Estas gentes não sentem como nós...

Às vezes, Generosa, quasi sem saber o que faz, levanta-se do sofá, entra na alcova e permanece longo tempo contemplando o cinzento semblante do cadáver. Depois assoma à larga varanda de pedra que corre ao longo da grande fachada de silharia da casa-convento. Sobre as negras árvores da Praça, debaixo da abóbada do céu, toda tremeluzente, ergne-se vagamente o incerto perfil dos elevados montes que rodeiam a ria. Baixa a maré e, nas húmidas sombras da noite, retumba o rumor das águas que caem em cascata pelos molhes da larga ponte que atravessa a ria de margem a margem.

Em uma das voltas, abre Generosa a porta da escura sala de jantar. Há um vulto sobre uma poltrona. Parece-lhe que deve ser o cego.

— Jaiminho, és tu? — pergunta.

O vulto não responde.

Da cozinha chega afogadamente o murmurio da conversação dos aldoões que se ficaram a voar em tórno das brasas da lareira.

— Dormes? — acrescenta em voz muito baixa.

— Não, não durmo.

— Que fazes aqui? Julgava que te tinhas deixado dormir.

— Não quero deitar-me.

— Anda, deita-te... É o melhor... Não estás costumado a estas coisas... Agora descansas, que amanhã já terás que fatigar-te com tanta visita. Vem. Eu te levo ao teu quarto.

Nos dois anos, que passaram vivendo juntos, nunca tinham trocado tão cordiais palavras. O cego levanta-se.

— Bem. Se queres, irei.

— Eu te lovo — disse Generosa tomando-lhe do braço.

O Jaime deixa-se guiar por aquela mão, acendida de febre, poucas vezes tocada, cuja pressão e calor através da roupa vertem no seu ser uma vaga e incerta sensação de doçura.

Vão percorrendo tenebrosos corredores e salas. Jaime dorme ao outro extremo do casarão. Chegados à alcova, esquecendo-se, com a emoção de momento, do mal que o cego sempre recebera as suas mostras de afecto para com elle, Generosa vai-lhe preparando maternalmente tudo que necessita para se deitar.

— A manta estendo-a só aos pés ou estendo-a por toda a cama? Onde queres que te deixe as chinelitas? Assim que estiveres deitado trar-te-hei o fato novo, que é mais escuro, para que o ponhas amanhã. Creio que não tens gravata que te tire eu as botas?

— Não, não.

— Bem; deita-te. Depois te trarei a roupa; assim que estiveres na cama.

E sai do quarto, deixando-lhe na alma um obscuro sentimento de bem-estar, com aqueles cuidados affectuosos nunca dantes conhecidos.

Mal o cego se tinha deitado, tornam a soar no corredor os passos da Generosa.

— Pode-se entrar? — pergunta.

Já dentro continua:

— Aqui, dobrado sobre esta cadeira, fica o fato novo. O outro lovo-o. Sobre a mesa de cabeceira deixo-te tudo que tinhas nas algibeiras. Ah! vou tirar-te uma camisa lavada. E pôr-to os botões de punho. Amanhã não tens mais que vesti-la. Não precisas mais nada?

E sem reparar no que faz, levada pela terna paixão que de repente enche a sua alma, apróxima-se do leito, inclina-se sobre o cego para o aconchegar bem na roupa.

— Dorme, descansa — diz-lhe.

«Até amanhã, meu filho.

E dá-lhe um beijo na frente.

*

* *

Jaime ficou só no seu quarto, com os olhos cegos muito abertos, sentindo vagamente, no fundo da sua alma, a carícia de uma obscura sensação prazenteira. Até elle chegavam todos os rumores da casa, onde velava tanta gente, e não se apagava da sua imaginação a terrível causa daquele desusado movimento; porém, sem saber como, por debaixo da sua angústia e dor, sentia o indefinido e remoto calorzinho de um ignorado foco de alegria. Em breve teve remorsos. Era um mau filho, se não sentia como era devido a morte de seu pai. Começou a rezar: «Padre Nosso...» Mas em seguida distraiu-se e começou a vir à sua memória coisas de meninice, em que não tinha tornado a pensar há muito tempo.

A sua mãe era quem o deitava quando era pequeno. Parecia-lhe ouvir a sua voz: «Dorme, dorme, filho meu.» Depois dava-lhe um beijo... Como Generosa... Talvez por isso sentia aquella alegria. Porque Generosa tinha-o beijado como sua mãe... Não, não; como sua mãe não. Sua mãe era uma santa... E Generosa...

Tornou à sua reza: «Padre Nosso que estais nos céus...» A verdade era que seu pai tinha querido muito a Generosa... Tinha-lhe querido muito... Não tinha sido o mesmo com a pobre Mamã. Por sua morte ainda Jaime era pequeno, mas já compreendia que seu pai não a tratava bem. Uma vez... Como tinha sido aquilo? Mal o recordava... Uma vez a mãe tinha-o levantado da cama a altas horas da noite. Enquanto o vestia, meio adormecido, ouviu soar, cheio de terror, as iracundas vozes do pai. A mãe soluçava e dizia: «Agora mesmo, agora mesmo! Vou-me com o meu filho! Para casa de meus pais!» — Não seria daquela vez, que passou uma noite num leito desconhecido, nos braços da mãe, que lhe dava beijos com o rosto empapado em silencioso pranto?... Não; Mamã não tinha sido feliz. Sem dúvida por isso tinha morrido tão nova. De que teria sido? Jaime só sabia que havia estado de cama muito tempo. E tossia, tossia. A criança passava o dia brincando com ela. «Que mãos tão frias teus, mamã!» — «E' que vou-me embora para Deus, filho meu.» Elle rompia a chorar: «Não quero que te vãs, mamã, não quero que te vãs.» A pobre mulher, sacudida de soluços, estreitava-o contra o seu fraco peito febril, quasi até afogá-lo.

Certa vez, recordou depois, o pai tinha entrado muito alegre no quarto da enferma. «Venho para levar a passeio o menino — tinha dito ao entrar. — Está um formoso dia. O médico diz que se está aqui sempre contigo a estolar.» Jaime não queria sair; chorou muito; a manásita poderia ir-se embora para Deus, enquanto elle estivesse fora de casa. Porém o pai enfureceu-se. A culpa não era da criança, mas de quem lhe contava aquellas coisas! Chamou a Filomena, a criada recém-entrada; mandou que vestisse o fatio novo ao menino, que soluçava acobardado, e levou-o para a rua pela mão. A poucos passos já ia muito satisfeito ao lado do pai, ouvindo orgulhoso as coisas que o bom senhor lhe contava. Entravam na larga ponte, assoalhado passeio hibernal de todos os habitantes da vila, quando um desconhecido parou a falar com o pai: «Vaios para velhos, D. Gaspar — disse-lhe. — Mal o vejo e já traz a tomar sol ao herdeiro. Sinto-o. Contava consigo para o *voltarete*».

Conversaram um momento e, por fim, em vez de seguir pela ponte, voltaram atrás em busca do Casino. Jaime ainda recordava a repugnância e o medo que tinha sentido ao penetrar naquele lugar desconhecido, que fedia a bebidas e tabaco, cheio do confuso rumor de cem conversações. Sobre elas alçavam-se clamores de disputa e ouviam-se uns formidáveis estalidos. Jaime apertava a mão do pai: «Papá, papá, vão-se later.» E o senhor tinha-lhe respondido com uma grande gargalhada: «Cala-te, pateta, é o bilhar.» O cego, ainda intranquillo, tinha ficado sem saber que coisa seria aquella. Depois desses senhores tinham-no tomado nos braços e dado muitos beijos. Sentaram-se todos em volta d'uma mesa, para fazer alguma coisa que o cego não lograra compreender e deram-lhe umas lichazinhas muito lisas e suaves para brincar. Muito tempo depois tinha dito alguém: «Esta criança está-se deixando dormir.» E acrescentou tomando-o nos braços: «Eh valente! Venha cá você! Não querê você um copito de ariz e um cigarro?» — «Isso faz-lhe mal!» — dissera o pai. — «Qual! Ele é um valente. Não é verdade que és um valente, bom moço?»

O cego encheu-se de vaidade: «Sim, sim.» — «Claro, homens! D. Jaime, o conquistador! Ena, gaiato, vais fumar o primeiro cigarro.» E tinha colocado entre os lábios um rolito humido, amargo, que encheu a boca dum fumo empastado. O menino, meio sufocado, desatou a tossir e a chorar, e tal foi o seu pranto que tiveram de mandá-lo para casa pelo porteiro. Em toda a vida não tinha tornado a sair com o pai.

Outra vez — o cego fazia esforços por não recordar tais coisas, mas sem que pudesse evitá-lo, iam-lhe acudindo à memória uma após outra —, outra vez tinha-se internado sózioho pelos grandes salões e corredores resoantes do vasto convento deserto, e no outro extremo tinha-se detido diante da porta aberta do quarto de costura. Dentro soavam risos afogados: «Vamos, senhor, esteja quieto, que já tenho os quadris negros de tanto belisco.» — «Vamos a ver!» — dizia a voz do pai. — «Mais nada?» — respondia Filomena morta de riso. E havia apagados rumores de regozijada luta, corridas, gritinhos e gargalhadas. De repente a rapariga disse com voz de susto: «O menino!» O pai iracundo tinha-se lançado sobre elle e pela única vez na sua vida tinha-lhe batido. — «Que perdeste por aqui? Que vens buscar? Já, para a tua mãe! Ou é ela que te manda para que lhe contes o que se passa em casa?»

Jaime tinha caído por terra quasi sem sentidos.

De como fôra a morte de sua mãe, não lograva recordar-se. Tinha então já mais de seis anos, mas sobre aquele dolorosissimo successo tinha caído na sua memória o mais completo olvido. Que triste vida tinha levado depois! Filomena governava tudo em casa; dava-lhe de comer, levantava-o e deitava-o; deixava-o só, morto de medo, em casa durante tardes inteiras, tremendo com a recordação das histórias de apparecidos e fantasmas que ella lhe contava, ou o levava a passeio e, esquelida de leve, estava horas mortas papagueando com qualquer mulher no meio da rua. O pobre cego todas as noites adormecia chorando, cheio de saudade, pela mãe.

Passaram-se os anos. D. Gaspar, excepto às horas de comer, mal via o lillo, que fazia toda a sua vida na coziuha com os criados. Bem depressa, pelas conversas destes, se foi Jaime inteirando das proezas do pai. Filomena contava-as em gritos, toda enfurecida, com grande espanto, que não deixava de regosijar aos outros criados. «Tens razão, mulher, — dizem-lhe com manha —; eu não sei porque quererá mais do que tem em casa». Primeiro tinha sido a Parrachina, uma casada asquerosa do Empedrado, que tinha dado que falar a todo o povoado; depois uma que deitava cartas, vinda sabe Deus donde; depois... Eu sei lá! O peor do peor. Era mesmo uma vergonha! Um senhor tão importante! Alguma noite, quando menos se esperasse, assassiná-lo-iam em qualquer tugúrio miserável ou lhe pegariam uma asquerosa doença que lhe acabaria com a vida.

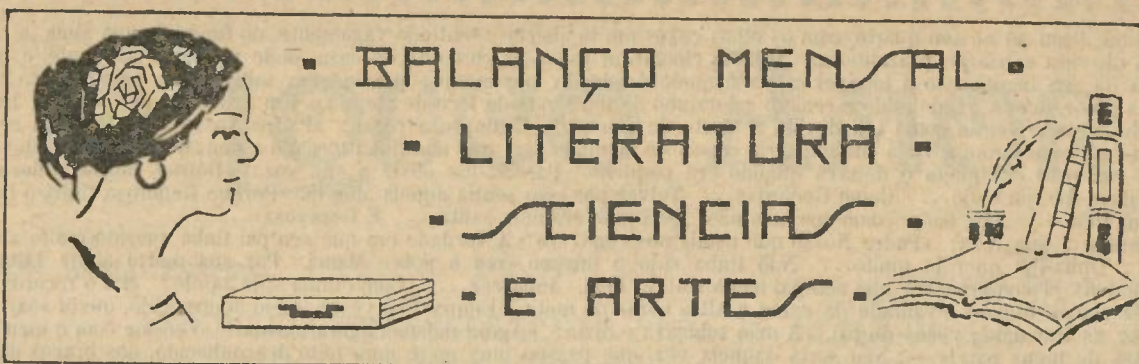
As auidanças paternas tinham chegado a constituir nua tórva obsessão para Jaime, assim que despertaram nelle as inquietações da adolescência.

Muitas vezes, quando saia à tardinha com o criado velho que o levava a passeio, tinha estado quasi para lhe pedir que o levasse áqueles antros de pecado frequentados pelo pai, mas uma invencível timidez, uma natural repugnância por aquellas vilezas tinha-lhe selado os lábios e como sempre tinham dado o seu passeio pela ponte, ouvindo a seus pés o estrondoso rodar das águas sobre as fragas, se a maré baixava, ou o longinquo rumor das ondas se rompiam no areal da boca do porto.

Por último, tinha vindo o enfeitamento de D. Gaspar por Generosa. Era uma paixão senil, invencível, indomável, das que matam. Generosa vivia pobremente com sua mãe em uma casita da Praça-do-Comde, do rendimento d'um pequeno comércio de tecidos aberto debaixo dos arcos. O velho não esqueceu meio nenhum para a alcançar. Tratou de entender-se com a mãe; ofereceu dar-lhes quanto quisessem; assegurar-lhes a ambas uma existência tranqüilla, cômoda e descansada... Mas Generosa não se rendia a nada o D. Gaspar, tanto mais enamorado quanto ella mais esquivava, passava todo o dia na lojita, ao lado do mostrador, olhando-a aroleimado.

A vila inteira passava pela praça para ver aquele quadro. Não se falava de outra coisa.

Porém ninguém mais preocupado que Filomena. Até então, com os seus já ontonais encantos, tinha logrado manter em parte o seu barreganesco reinado; mas como havia agora de competir com uma fresca môça de dezoito anos? Sentin-



UMA revista em que se pretende dar uma ideia o mais completa possível do movimento intelectual do país, esta secção era uma das que mais se nos impunham. Dado, porém, o carácter geral da época, fixar nela a traços largos os assuntos, será, contudo, a nossa particular missão.

•O jornal — dizia há dias muito bem o director do *Diário de Lisboa*, numa entrevista curiosa para a *Revista Portuguesa* — deve insinuar-se, deve prender o leitor sem delongas, não o deixar fugir, evitar que ele hesite... A revista cabe completar a obra daquele, desenvolvendo o informe no que ele tenha de carácter ampliativo ou científico, estudando, comparando, tirando conclusões, revelando estudos, directrizes, épocas.

O jornal é para se ler na rua, para se saborear à mesa do café ou para, no teatro, espairecer a vista no intervalo dos actos; a revista é para se ler no gabinete ou no silêncio das bibliotecas, e para se arrumar, depois, com os carinhos e disvelos de um coleccionador de raridades.

O jornal é o pregão, é a síntese, é o grito que passa, — é a hora, enfim; a revista é o desenvolvimento do assunto, é o estudo, é a análise, é o alicerce do conhecimento para a fixação do sentido da época.

Isto é, o jornal desperta, instiga, anuncia; a revista desenvolve, amplifica, constrói. Toda a revista deve ser, por isso, essencialmente construtiva.

A vertigem do momento que passa exige, deixámos dito, uma feição especial às próprias revistas. Exige-lhes, como diriam A. Ferro, ou João Ameal, — o sinete da Hora. Efectivamente, assim é: até mesmo do público letrado, aqueles que tinham obrigação de mostrar-se conscienciosos, profundos e eruditos, hoje ou se calam ou então esquivam-se a maçadas.

Não atulhar o cérebro de supérfluo, não trabalhar senão o estritamente indispensável, não ir além da esfera das conveniências, — eis o ideal. Tudo o que necessita um certo estudo, demorada atenção, um pouco mais de fósforo, de esforço intelectual, são bizantinices deslocadas...

O resultado é fácil de prever: literatura, na generalidade, inconsistente, ôca, imprópriamente adjectivada, sem rumo certo. Ciência falha, hesitante, acocorada aos pés de raros ou exilada em velhas tebaidas recônditas. Artes desconjuntadas, espelhando farrapos, ou amoletadas de estrangeirismos. Enfim, falta de ideal, materialismo, cisco, miséria!

E' a autêntica noite trágica, — aliás semelhante às que teem antecedido todos os períodos críticos das reformas.

•Mas que reformas se estão operando? — interrogará a argúcia do leitor. O futuro o responderá, nanja o crônista. Essa não é a nossa missão. O que é indispensável é analisar os defeitos e virtudes que dominam as novas tendências espirituais das *élites* e procurar destruir nelas quanto se afigure apatriotismo ou decadência.

•Passemos à análise dalgumas das últimas obras aparecidas ou que nos foram enviadas.

A todas que o mereçam aqui nos referiremos neste «balanço», independentemente de qualquer recomendação especial ou oferta.

Para facilidade de consultas e maior actualidade dos nossos juízos críticos, pedimos, porém, a todos os autores e editores, no-las enviem sempre que seja possível.

No próximo número, crítica geral às principais obras publicadas e aos volumes recebidos.

VERSOS

“*Apassionadamente*”, por Virginia Victorino:

E' justo começar pela gentil autora dos *Namorados* — D. Virginia Victorino. Esta senhora surgiu no tablado das letras com o mesmo fulgor com que certas estrélas de teatro surgem no céu de papelão de determinadas operetas.

Impôs-se, sensibilizou, desnudou-se mais e o público leitor aplaudiu, encheu a sala noites consecutivas. O livro *Namorados* deve andar hoje pela 5.^a ou 6.^a edição. São sonetos duma estrutura especial, frenética, feminina, agradável de ler, embora muitas vezes o conceito nos esteja a indicar que a autora quando o fez não possuía ainda bem a noção precisa do que deve ser o soneto. No seu novo livro, que intitulou *Apassionadamente*, soube em parte remir-se do peccadilho.

A forma poética varia, procura adaptar-se mais ao assunto. Há enfim evolução. Estamos, todavia, em crer que, a-pesar-de melhor, *Apassionadamente* não terá o êxito dos *Namorados*.

Dalguns *senões* e *virtudes* destas duas obras algo deverá dizer em breve o nosso crítico oficial: dr. Guerreiro Murta.

“*Estátuas de espuma*”, por Alípio Rama:

Outro curioso livro de versos, há pouco saído dos prelos da Imprensa da Universidade de Coimbra, editado pela Empresa Coimbra-Editora, L.^{da}, e que nos acaba de ser enviado, é o de Alípio Rama — *Estátuas de espuma*.

São 209 páginas de poesias de um novo, onde, caso raro, não passa um único termo alvarmente escabroso ou de intenção escancaradamente venal. Honra lhe seja.

Quanto à forma, estamos em pleno acôrdo com o que diz o prefaciador do livro — o illustre romancista portuense sr. João Grave: •o verso de Alípio Rama seduz mais a nossa admiração pela harmonia íntima do que pela cadência e pela impecabilidade da construção.

Veja-se:

Quem sabe se um amor espiritual as
 embebe de Alma e em Sonho as acacenta?

Para obter rima para *galas*, enchapelar um adjectivo com um substantivo é uma liberdade poética que reputamos excessiva. Mas isto é, positivamente, nada.

De todo o livro o que mais apreciamos é a 1.^a parte — *Da Minha Terra* — e a última — *Outonais*. Acharmos que o autor fez mal em não reservar para um novo livro esta última parte. Dela transcrevemos ao acaso:

Na morte de Noémia

Levanto em prece as minhas mãos ao céu.
 — Aguas-mortas scismando na tardinha,
 Dizem as sombras outonais: — «Morreu!» —
 e, junto a mim, segreda a terra: — «E' minha!» —

Romance unguido em mágoas, linha a linha,
 recordo o grande amor que nos perdeu...
 E rezo entre os desmaios da tardinha,
 e digo às sombras: — Minha irmã, sou eu!...

Vejo-a vestida em lírios e violetas...
 Bordaram-lhe um caixão de branco arminho
 as mãos ainda tépidas do Outono...

— Tuberculosos, meus irmãos poetas:
 Cantai, rezai comigo — mas baixinho...
 Que a nossa voz lhe não perturbe o sono!

ANÚNCIO ECONÓMICO

ARTE

Desenho de cartazes, anúncios, capas de livros e todo o trabalho de ilustrações, executa-se na "Ressurgimento, L.^{da}" — C. João do Rio, 8-1.º — LISBOA.

IMPRESSÃO

de livros e trabalhos comerciais, faz-se por intermédio da "Alma Nova".

EM TERRA DE INGRATOS...



GAMPANHAS

GAMILIANAS

POR

Oldemiro César e Cruz Magalhães

Edição da "ALMA NOVA"

Vol. broch. Esc. 5\$00

: : : : NOVIDADE LITERÁRIA : : : :

"A ENTREVISTA"

(Tradução do «Rendez-vous» de François Copée)

POR CRUZ MAGALHÃES

Edição da "Alma Nova" Preço, 1\$50

"SANGUE DE EPOPEIA"

é o verdadeiro livro da Artilharia Portuguesa na Flandres : : :

A VENDA O 2.º MILHAR

Leia as edições da "Alma Nova"

EMPRESA DE ARTE E PUBLICIDADE

: : : : "RESSURGIMENTO" : : : :

MATEUS MORENO:

Minha Pátria, poema em 3 livros, 2.ª edição, cada livro	1\$00
De Portugal à Flandres, (cartas da Guerra)	1\$00
Sinfonia macabra, (Máximas da Kultur), edição definit., com il. de R. Nobre	1\$00
Sangue d'epopeia, (A Artilharia Portuguesa na Flandres) 1 volume ilustrado	4\$00

LUÍS CALADO NUNES:

Odes de Anacreonte 2\$50

REBELO DE BETIENCOURT:

Cantigas, 2.ª edição, refundida 2\$50
 Arte, artistas e perfis \$50

: Remessas franco porte :

PARA TODO O PAÍS

Para colónias e estrangeiro acresce o porte

BREVEMENTE:

Eça de Queiroz, revelações íntimas, por D. Conceição d'Eça de Melo.

* "O DESENHO E AS MULHERES NO LABOR ARTÍSTICO DE RAFAEL BORDALO", por J. Saavedra Machado. (Edição profusamente ilustrada, a sair). *

: Manuel dos Santos Grifo :

Fabricante de Lanifícios **COVILHÃ**

TODOS OS QUE PREZAM
 A ECONOMIA
 NÃO DEVEM COMPRAR
 FAZENDAS DE LÃ
 SEM PRIMEIRO
 CONFRONTAREM OS
 PREÇOS DESTA CASA

: : : : ENVIAM-SE AMOSTRAS : : : :
 PARA TODO O PAÍS E COLÓNIAS

LEIA
E
ANUNCIE
NA

SE É PATRIOTA

ASSINE
E
RECOMENDE
A

A

L

M

A

:

N

O

V

A



SOCIEDADE
PORTUGUEZA
DE CONSTRUÇÕES
E DECORAÇÕES L.^{da}

♥ ✠ ♥

R. NOVA DO CARMO
43-2º - TEL. 1107-C.



A

L

M

A

:

N

O

V

A

VASCO DE MORAES PALMEIRO (REGALEIRA)
(ARQUITECTO) L. S. A.

PROJECTOS COMPLETOS DE CASAS DE HABITAÇÃO

DE EDIFÍCIOS PARA HOTÉIS, CASINOS, ETC.

BOM GOSTO E CONFORTO

DECORAÇÕES INTERIORES

TRANSFORMAÇÕES DE ESTABELECIMENTOS
COMERCIAIS E INDUSTRIAIS

TUDO O GÉNERO DE CONSTRUÇÃO E DECORAÇÃO

AVALIAÇÕES DE PROPRIEDADES

TRABALHOS DE TOPOGRAFIA

O VERDADEIRO
GATECISMO DE
TODO O BCM
PORTUGUÊS É

“Minha Pátria”

Poema em 3 Livros e 3 Jornadas

POR MATEUS MORENO

OBRA COM-
PLETA:

Broch. 5800

Cart. 7800

22



ALMA NOVA

NÚMERO DO NATAL

MCMXXIII

: Director Literário e Gerente :

: : Mateus Moreno : :

: : : Director Artístico : : :

J. Saavedra Machado

ALMA NOVA

: : : Secretário Geral : : :

Rebello de Bettencourt

: : : REDACÇÃO : : : :

: C. João do Rio, 8-1.º :

: : : LISBOA : : : :

: : PROGRAMA : :

Contribuir para o ressurgimento nacional, despertando o culto das virtudes pátrias e o amor das coisas portuguesas

DIRECTORES DE SECÇÃO:

Dr. Ascensão Mendonça (Ciências Naturais); Dr. Braga Paixão (Açores); Dr. Cláudio Basto (Minho); Eduardo Romero e Martinho da Fonseca (Pintura); Francisco Santos (Escultura); Francisco Valença (Caricatura); Jorge Segurado (Arquitectura); Tenente José Brandão (Douro); Dr. José Guerreiro Murta (Letras); Dr. José Gonçalo Santa Rita (Crónica Política e Social, e Colónias); J. Rodrigues Cosme (Teatros); Luis Chaves (Trás-os-Montes); M. A. (Modas); Dr. Maquiãs Pereira da Silva (Turismo); Nuno Cruz (Coimbra); Dr. Pedro Júdice e Samora Barros (Algarve); Dr. Teófilo Júnior (Pedagogia).

Representantes e Agentes nas principais cidades do País, Colónias e Brasil

III SÉRIE — N.º 10, 11 e 12 : : : DEZEMBRO de 1923

:: SUMÁRIO ::

<i>Dinorah</i> , por Martinho da Fonseca	117	Exposições de Arte: a de Mário Reis, Varela Almeida e Mário Santos (c. 3 quadros), por S. M.	132
<i>O Natal</i> (c. 1 il.), por José Guerreiro Murta	118	• 5 <i>Independentes</i> •, por Henrique de Villena (c. uma fot. do aspecto geral e 1 quadro de Dórdio Gomes)	133
<i>Sonho do Natal</i> , soneto de António Ferreira Monteiro (c. retrato do autor, por Martinho da Fonseca).	119	<i>Rafael Bordalo e as mulheres</i> , por Saavedra Machado	137
<i>O Natal Português</i> (esbôço etnográfico), por Luis Chaves (c. 1 il.).	120	<i>Evangelizadores da Língua</i> , por Af. Lopes Vieira	138
Os nossos Poetas: Gomes Leal, c. <i>portrait-charge</i> de Celso Herminio, e <i>Respiga</i> , soneto de António Moreno	123	Arquitectura: <i>Projecto de Jachada</i> , por Jorge Segurado (tricromia)	139
Recordar . . . reviver: <i>Luis Calado Nunes</i> (c. r.), por Cruz Magalhães	124	A «Alma Nova» nas províncias: <i>O Algarve e a sua Autonomia administrativa</i> — fala o Dr. Maurício Monteiro (c. o retrato do entrevistado)	140
<i>Uma coroação na minha aldeia</i> , por M. da Silva Carreiro (c. 1 il. de Domingos Rebello)	125	Turismo: <i>Entrevista com o professor M. Pereira da Silva</i> (c. 1 des. de F. Romero)	141
Ritmos . . .: <i>Elas e Eles</i> , por José Brandão, e <i>A Cadeirinha</i> , por Luis d'Oliveira Guimarães	126	<i>Subsídios para uma Bibliografia Portuguesa da Grande Guerra</i> , pelo ten. José Brandão (Cont.)	142
Ciência e Filosofia: <i>A Política Moderna</i> , por Gustavo Le Bon	127	Notas & Comentários (com uma fotografia)	143
Arte: <i>O Pintor Manuel Jardim</i> (c. 1 busto de Francisco Franco), por Saavedra Machado	129	<i>O Louco Amor</i> , novela, versão de Fidelino de Figueiredo	144
<i>A «Alma Nova» e a Arte</i> , por Saavedra Machado	131	Figuras do mês: <i>Manuel Teixeira Gomes</i> , por M. M.	145
		<i>Da Verdade</i> , por João José Gomes, escultor (c. 2 ils.)	146
		Livros: Balanço do Outono, e apreciações	147

EM SEPARATA: *Sentinelas*, por Saavedra Machado; *O Pintor Manuel Jardim*, auto-retrato; *Baigneuse*, escultura de Diogo de Macedo; *Rapariga minhota*, por Saavedra Machado

: : Capa de SAAVEDRA MACHADO : :

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

(Pagamento adiantado)

Portugal e Ilhas, Trimestre (3 n.ºs) 4\$00; Semestre (6 n.ºs) 8\$00; Ano (12 n.ºs)	15\$00
Colónias e Espanha (só assinaturas anuais)	20\$00
Restantes países (idem)	25\$00

NÚMERO AVULSO, 1\$50

ATENÇÃO: — Não fica prejudicado o assinante, quando circunstâncias anormais, que procuraremos no entanto evitar, demorarem a saída da revista, porque no acto de pagamento das assinaturas se fixam sempre os números a receber, que são os referentes aos periodos pelos quais as mesmas são tomadas. O número de páginas de cada fascículo é variável, não tendo porém nunca cada volume anual (de 12 números) menos de 144 páginas de texto e 12 separatas de Arte.

Propriedade e edição da Empresa Cooperativa de Arte e Publicidade "Ressurgimento,,"